

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**QUANDO A PIADA É UM CRIME:
A BANALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

Aluna: Carla Oliveira Bohm Cardoso

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karina Giacomelli

Pelotas, dezembro de 2022

CARLA OLIVEIRA BOHM CARDOSO

QUANDO A PIADA É UM CRIME:
A BANALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal De Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof. Dr^a. Karina Giacomelli

Pelotas, 2022

Carla Oliveira Bohm Cardoso

Quando a piada é um crime: a banalização da violência contra a mulher

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração Estudos da Linguagem, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

06 de dezembro de 2022.

Banca examinadora:



Prof.^a Dr.^a Karina Giacomelli

Orientadora/ Presidente da banca

UFPEL



Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral

Membro da banca avaliadora

FURG



Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Pires

Membro da banca avaliadora

UFPEL

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C268q Cardoso, Carla Oliveira Bohm

Quando a piada é um crime : a banalização da violência
contra mulher / Carla Oliveira Bohm Cardoso ; Karina
Giacomelli, orientadora. — Pelotas, 2022.

75 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade
Federal de Pelotas, 2022.

1. Circulo de Bakhtin. 2. Relações dialógicas. 3. Tema.
4. Violência contra mulher. I. Giacomelli, Karina, orient. II.
Título.

CDD : 469.5

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu esposo Bruno e aos meus filhos Arthur e Victor por todo apoio e compreensão que dispuseram durante a realização desse trabalho me incentivando a não desistir. Foram tempos difíceis. Sem minha família, nada seria possível.

Sou grata ainda às minhas irmãs Paula, Fernanda, cunhado Lucas, e amigos próximos que entenderam e receberam compreensivamente os meus tantos “não posso” e por me ajudarem a passar por esse processo edificante e tão desafiador que é o mestrado. Obrigada pelo companheirismo e carinho comigo.

Aos meus amigos mais distantes que sempre torceram por mim e cujo apoio foi fundamental para eu me lembrar do quanto sou capaz. Muito obrigada pela amizade, pelo apoio e pelo carinho de vocês nesses anos tão complicados.

A Karina, minha orientadora que se tornou uma grande referência, uma pessoa que acreditou em mim e no meu trabalho e que sempre se pôs disponível. Sem o seu olhar e sua orientação com certeza este trabalho não teria sido possível.

Ao Prof. Dr. Adail Sobral e à Prof.^a Dr^a Vera Lúcia Pires , por terem aceito o convite para fazer parte da construção deste trabalho.

Aos demais professores do mestrado em Letras da UFPel, da linha de pesquisa em Texto, Discurso e Relações Sociais pelo suporte e adequação de material e propostas sincrônicas já que desenvolvemos os semestres no formato virtual por conta da Pandemia do vírus da Covid 19. Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, como um todo, pela oportunidade.

“Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem território soberano, está todo o sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha para o outro nos olhos ou com os olhos do outro.”

Michail Bakhtin

RESUMO

No presente trabalho, propomos a realização de uma possível análise do projeto enunciativo de comentários na página da UOL. O *corpus* que serve de objeto de análise à pesquisa foi coletado na plataforma *Facebook* e consiste em comentários enunciados por perfis de homens e mulheres sobre uma comparação entre o Jogador Neymar Júnior envolvido em um escândalo com a modelo Najila Trindade em 2019 e o goleiro Bruno responsável pela morte cruel de Eliza Samudio em 2010. O caso de Bruno é, então retomado e serve de comparação em tom humorístico entre eles, utilizando para isso expressões como Nutella (Neymar) x Raiz (Bruno). Interessou-nos, portanto, pensar de que modo essa pretensão humorística no discurso pode, na verdade, estar servindo de manutenção a pressupostos machistas e misóginos, e também, o quanto uma proposta humorística sobre feminicídio pode estar ao invés de fazendo uma piada, colaborando com a perpetuação da violência contra a mulher. Para isso, buscamos suporte nos pressupostos teóricos e metodológicos desenvolvidos pelo Circulo de Bakhtin e seus estudiosos. Dessa forma, nossa análise foi pautada a partir de um parâmetro sugerido por Sobral (2009) em diálogo com Brait e consiste na descrição, análise e interpretação do objeto de estudo. Entendemos que a justificativa de fazer humor a partir da violência contra mulher pode banalizar e naturalizar a reprodução dessa violência porque, sob a proposta do discurso humorístico, a violência funciona como se fosse brincadeira, e é legitimada por fatores sócio/históricos de uma sociedade ainda patriarcal, marcando uma banalização que propõe a propagação de atitudes machistas, misóginas e de delito.

Palavras-chave: Circulo de Bakhtin; Relações dialógicas; Tema; Violência contra mulher

ABSTRACT

In the present work, we propose to carry out a possible analysis of the enunciative project of comments on the UOL page. The corpus that serves as the object of analysis for the research was collected on the Facebook platform and consists of comments made by profiles of men and women about a comparison between Neymar Jr – soccer player-involved in a scandal with the model Najila Trindade in 2019 and the goalkeeper Bruno who was responsible for the cruel death of Eliza Samudio in 2010. The case of the goalkeeper Bruno is resumed and serves as a humorous comparison of both footballers, using expressions such as 'Nutella' (Neymar) x 'Raiz' (Bruno). We were interested, therefore, in thinking about how this humorous pretense in the discourse may, in fact, be serving to maintain sexist and misogynistic assumptions, and also, how much a humorous proposal about femicide may be, instead of making a joke, collaborating with the perpetuation of violence against women. To carry out this work we search for support in the theoretical and methodological assumptions developed by the Bakhtin Circle and its scholars. Thus, our analysis was based on a parameter suggested by Sobral (2009) in dialogue with Brait that consists in a description, analysis and interpretation of the object of study. We understand that the justification of making humor based on violence against women can vulgarize and naturalize the reproduction of this violence because, under the proposal of humorous discourse the violence works as if it were a joke, and is legitimized by socio and historical factors of a society which still is patriarchal, marking a banalization that favors the propagation of sexist, misogynistic and criminal attitudes.

Key-words: circle Bakhtin; dialogical relations; theme; violence against women;

Sumário

1. INTRODUÇÃO	6
1.1 Apresentação do corpus	6
1.2 Contextualização sobre as acusações contra O jogador Neymar	7
1.3 Contextualização do feminicídio contra Eliza Samúdio	8
1.4 Um breve conceito sobre gênero social	9
1.5 Bases da pesquisa e questões norteadoras	13
2. CIRCULO DE BAKHTIN: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO	17
2.1 Em direção à análise: parâmetros metodológicos.....	42
3. ANÁLISE	48
3.1 Bloco 1: Enunciados que pretendem fazer humor utilizando tópicos que relacionam os casos do goleiro e do jogador Neymar	49
3.2 Bloco 2: Enunciados que pretendem fazer humor enaltecendo o assassino: 56	
3.3 Bloco 3: Enunciados que pretendem fazer humor com comentários que reclamam de não poder fazer piada com esse crime.	61
3.4 Considerações analíticas dos três blocos	68
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	73

1. INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do corpus

Esta pesquisa pretende, a partir da perspectiva do dialogismo de Mikhail Bakhtin, analisar enunciados produzidos nos comentários em um post na página da UOL no site de rede social Facebook com uma notícia intitulada: "Memes e piadas pela internet a fora dizem que Neymar é Nutella, Bruno raiz. Alguns dizem que Neymar devia ter agido como o goleiro Bruno. Ou seja, estão incitando o assassinato de mulheres, assim, livremente. E tem até mulher rindo dessa piada" (via Nina Lemos). Nessa notícia, que pretendia apresentar o caso do jogador Neymar e Najila Trindade, foram feitos diversos comentários relacionando o caso ao crime cometido por Bruno Fernandes das Dores, que, à época do caso em que foi julgado e condenado, era goleiro do clube de futebol Flamengo.

Nos comentários, o que se percebe é que o caso do goleiro foi usado como mote para brincadeira e piadas sobre o caso que estava sendo noticiado. Trata-se de basicamente, piadas e memes, que afirmam, por exemplo, que Neymar é "Nutella", e Bruno "raiz", ou seja, a relação entre os casos utiliza um meme conhecido na internet como Raiz x Nutella, que compara o modo como as pessoas faziam as coisas antigamente, considerado autêntico, rústico, mais complicado (donde jeito "raiz"), com como fazem hoje, tido como mais flexível, "gourmetizado" (brincando com uma famosa marca de creme de avelã, donde o termo "Nutella").

Como essa comparação é feita entre praticamente qualquer coisa (homem/mulher raiz x homem/mulher Nutella; torcedor raiz x torcedor Nutella; criança raiz x criança Nutella etc.), muitos comentários ou utilizaram esse meme ou partiram dele para relacionar os casos, afirmando que Neymar devia ter agido como Bruno. Dessa forma, aquilo que se pretendia somente uma brincadeira, mostra pessoas minimizando o assassinato de mulheres, pensando que somente estão fazendo uma piada. Trata-se, portanto, de enunciados que banalizam crimes contra mulheres, hipótese esta que enseja este trabalho.

Como são justamente esses comentários objetos desta pesquisa, é necessário contextualizar os dois fatos, muito repercutidos no Brasil: o primeiro, mais

atual, sobre a acusação de estupro contra o jogador Neymar e o segundo, mais antigo, sobre o caso do goleiro Bruno condenado pela morte da modelo e atriz Eliza Samúdio.

1.2 Contextualização sobre as acusações contra O jogador Neymar

Em junho de 2019 veio a público a acusação de estupro feita contra o jogador Neymar. A mulher denunciante, Najila Trindade, alegou no boletim de ocorrência que o crime teria acontecido na cidade de Paris, na França, no dia 15 de maio. A denúncia foi feita somente no final do mesmo mês, quando a mulher já estava em São Paulo. O estupro e as agressões teriam acontecido após o jogador chegar, aparentemente embriagado, no Hotel em Paris, onde ela estava hospedada a convite do jogador e com as despesas custeadas por ele.

No entanto, Neymar negou tais acusações, postando uma gravação de oito minutos no Instagram em que nega ter cometido o crime. Também divulgou conversas íntimas entre os dois, tornando públicos diálogos entre eles pelo WhatsApp desde 11 de março de 2019, incluindo vídeos com nudes, detalhando como tudo acontecera até a viagem a Paris. No decorrer do caso, muitos escândalos surgiram, como, por exemplo, o relato do pai do jogador dizendo que os advogados de Najila haviam pedido suborno a Neymar para não seguir com a acusação, em uma entrevista à rede de televisão Bandeirantes. A equipe de advogados, no entanto, afirmou que tentou um acordo, nunca uma extorsão. Depois a pedido do jogador e de seu pai, a Polícia Civil abriu inquérito para apurar crime de extorsão.

Ocorreu, também, de o advogado de Najila abandonar o caso, alegando que a modelo teria mudado o depoimento, pois inicialmente ela havia relatado somente o crime de agressão acrescentando estupro posteriormente. A modelo se defendeu dizendo que o advogado não tinha acreditado nela desde o início, e a aconselhou a prestar queixa somente do que ela tinha provas, ou seja, do que o laudo médico era capaz de provar: as agressões.

Há, ainda, um vídeo, referente ao segundo encontro dos dois, em que o jogador e a modelo aparecem deitados em uma cama e aparentam trocar carícias. No vídeo, ela se levanta e começa uma discussão com Neymar. O jogador tenta contê-la, e ela diz: “Você me agrediu ontem e me deixou aqui sozinha”. No entanto, o vídeo é cortado sem que apareça o desfecho. Na semana seguinte, a modelo

deveria comparecer à delegacia em São Paulo para prestar depoimento. Mas segundo sua nova advogada, Yasmin Abdalla, o apartamento em que Najila mora foi arrombado, e o *tablet* que continha provas sobre o caso sumiu do apartamento. Isso aconteceu após a modelo dar sua primeira entrevista sobre o caso, à rede de televisão SBT.

O resultado do exame de corpo de delito feito pela modelo não aponta lesões em suas partes íntimas. O exame foi feito no dia 31 de maio, logo após ela registrar boletim de ocorrência por violência sexual. Em conversa vazada, o primeiro advogado de Najila afirmou ter sido ameaçado por Neymar Pai.

Em agosto de 2019, essa investigação havia sido encerrada sob a alegação de falta de provas contra o atacante. Posteriormente, foi aberto um inquérito contra a modelo por suposta falsa denúncia de crime. Najila foi, então, indiciada por fraude processual, denuncia caluniosa e extorsão. A delegada Juliana Lopes Bussaco, da 6ª Delegacia de Defesa da Mulher de São Paulo, também decidiu indiciar o ex-marido dela, Estivens Alves, por divulgar material com conteúdo erótico de Najila para um repórter em troca de publicações suas na internet. No entanto, ambos os processos foram arquivados, e eles não foram julgados.

Com as várias publicações em sites de redes sociais de páginas de veículos de imprensa, o caso envolvendo o jogador Neymar sempre provocou muitos comentários nos posts de notícias relativas ao assunto. No momento em que esse caso foi arquivado, é que houve o resgate nas redes sociais do caso de assassinato de Eliza Samúdio cometido pelo Goleiro Bruno. Relembraremos, agora, esse crime.

1.3 Contextualização do feminicídio contra Eliza Samúdio

O desaparecimento da estudante Eliza Samudio, ex-amante do goleiro Bruno foi considerado um dos crimes mais macabros no Brasil nos últimos anos. A jovem de 25 anos sumiu em 4 de junho de 2010 juntamente com seu filho de 4 meses, enquanto brigava na justiça para que o atleta, naquele momento goleiro do Flamengo, reconhecesse a paternidade da criança, que ela alegava ser filho dele. Pouco depois, a polícia recebeu denúncias anônimas que indicavam o paradeiro do bebê e às primeiras pistas de que Eliza teria sido levada para uma propriedade do goleiro, em Minas Gerais, e morta com requintes de crueldade.

Segundo o inquérito policial, Eliza foi levada à força do Rio de Janeiro para Minas Gerais, mantida em cativeiro, executada e esquartejada a mando do Bruno, um plano que teria sido traçado meses antes. O ex-policial Marcos Aparecido dos Santos, o “Bola”, é apontado como homem que matou Eliza enforcada, cortou o corpo e jogou partes aos cães. No entanto, os restos mortais da jovem nunca foram encontrados.

Em março de 2013, Bruno foi condenado à pena de 22 anos e 3 meses por esse assassinato, pela ocultação de cadáver da estudante e pelo sequestro e cárcere privado do filho. Ele foi condenado a 17 anos e 6 meses em regime fechado por homicídio triplamente qualificado por motivo torpe, asfixia e uso de recurso que dificultou a defesa da vítima; a outros 3 anos e 3 meses em regime aberto por sequestro e cárcere privado e ainda a 1 ano e 6 meses por ocultação de cadáver. A pena foi aumentada porque o goleiro foi considerado o mandante do crime, mas reduzida pela confissão do jogador. Na sentença, a juíza Marixa Fabiane Lopes apontou que a personalidade de Bruno “é desvirtuada e foge dos padrões mínimos de normalidade”, afirmando que “o réu tem incutido na sua personalidade uma total incompreensão dos valores”.

É importante destacar que, quando Bruno foi solto por um curto período, em 2017, ele foi contratado por um time de futebol. No entanto, no dia de sua estreia, foi intensamente fotografado e aclamado por fãs. Ainda que uma pessoa cumprido minimamente sua pena, em regime fechado pelo tempo que a justiça exigiu, causou espanto, à época, o fato de uma pessoa que tenha cometido um crime tão cruel ter se integrado facilmente ao mercado de trabalho e recebido tanto apoio da população. Julgado e culpado pelo crime de morte da modelo Eliza Samúdio, o ex-goleiro do Flamengo cumpre regime semiaberto desde 2019.

Como se tratou de um crime contra uma mulher, precisamos destacar algumas questões relacionadas ao seu papel na sociedade atual.

1.4 Um breve conceito sobre gênero social

Sobre o conceito de gênero, nesse trabalho, utilizaremos a nomenclatura “gênero social”, relativo a questões relacionadas ao que diferencia socialmente as pessoas, levando em consideração os padrões histórico-culturais atribuídos para os

homens e mulheres. Isso se deve também para diferenciar o conceito de gênero social de gênero discursivo (este que será abordado no capítulo 2).

Surgido na década de 1960, com o propósito de enfatizar o caráter social e histórico das relações e diferenciar os processos que constituem os indivíduos como masculinos ou femininos, a nomenclatura masculino e feminino estava até então naturalizada e explicada somente pela biologia. Porém, mais do que uma simples categoria analítica, o conceito de gênero social, atualmente, procura demarcar que as desigualdades entre homens e mulheres ao longo da história não resultavam de um ato único, e sim de uma série de ações e construções sociais. Conforme Saffioti (1992), as relações de gênero social refletem o que temos internalizado enquanto indivíduos. Isso faz com que não apenas homens reproduzam discursos machistas:

Eis porque o machismo não constitui privilégio de homens, sendo a maioria das mulheres também suas portadoras. Não basta que um dos gêneros conheça e pratique atribuições que lhes são conferidas pela sociedade, é imprescindível que cada gênero conheça as responsabilidades do outro gênero” (SAFFIOTI, 1992, p. 10).

A naturalização de questões sobre os papéis de gênero social, e as práticas que surgiram dessa cultura, como a violência contra mulher, constituem os discursos de pessoas que ocupam um lugar social e histórico e que estão sempre em relação a outros discursos. Esse contexto de produção da linguagem deve ser considerado nesta pesquisa que pretende identificar, analisar, interpretar e mesmo avaliar criticamente esses dizeres, apontando para seus possíveis efeitos.

Assim sendo, a categoria gênero social surge a fim de dar conta da discussão acerca da inferioridade da mulher em relação ao homem, sua reprodução e as várias e diversas formas que sustentam a supremacia masculina na sociedade, através da desigualdade de gênero. A tentativa de construir o ser mulher enquanto subordinado, ou melhor, como diz Saffioti (1992), como dominada-explorada, vai ter a marca da naturalização, do inquestionável, já que é dado pela natureza. Todos os espaços de aprendizado, os processos de socialização vão reforçar os preconceitos e estereótipos dos gêneros sociais como próprios de uma suposta natureza (feminina e masculina), apoiando-se, sobretudo na determinação biológica. A diferença biológica vai se transformar em desigualdade social e tomar uma aparência de naturalidade.

Vemos ainda que os discursos de autoridade, como da ciência, da igreja, da moral e da lei identificam, classificam, dividem, regram e disciplinam as formas de ser e estar no mundo. Mais do que isso, os conhecimentos sobre gênero social e sexualidade são dimensões tidas como essenciais, seguras e universais, que “não podem/ não devem ser afetadas ou alteradas” (Louro, 2004, p. 23). Esses discursos dessas instâncias estarão, assim, auxiliando a aplicação de pré-julgamentos, de uma padronização das “relações ideais”, preconceitos e estigmas em relação às mulheres.

Desse modo, o assunto escolhido aborda uma questão importante, atual e pertinente, que necessita de atenção e que requer políticas públicas que venham ao encontro da diminuição das estatísticas apresentadas anteriormente. Afinal, questiona-se: como um assunto tão sério pode virar piada, ao menos na internet? Como as pessoas deixam “essas brincadeiras” passar de forma tão natural? Como pode um crime tão brutal, que chocou o país à época, torna-se, após alguns anos, um assunto banal a ponto de se usar um meme para fazer referência a ele? Finalmente, que enunciados naturalizam, incitam e banalizam a violência contra a mulher e como o fazem, isto é, que palavras são usadas para isso e o que elas indicam da posição ideológica de quem produz esses discursos? Essas são questões importantes que podem ser respondidas a partir de uma análise enunciativa, de modo a colocar em discussão a violência de gênero social nos embates que se estabelecem em sites de redes sociais, o que justifica esta pesquisa.

Ao longo dos séculos, a compreensão do que é ser mulher relacionou-se sempre a uma posição de inferioridade, sendo vista como submissa ao homem, atendendo aos interesses dele na busca pelo poder. Trata-se de uma construção social que foi exacerbada na era capitalista e que vem expondo o quão machista é a organização social.

No entanto, como seres sociais, as mulheres também sofrem grande influência das vivências que os grupos sociais experimentam ao longo do tempo. Desse modo, a mulher, que sempre teve papel coadjuvante imposto pelo ser masculino, trava há muito tempo lutas constantes contra as restrições que lhe foram e são impostas, sendo que, aos poucos, ela tem alcançado avanços como, por exemplo, os históricos direito ao voto e à greve contra condições sub-humanas de trabalho, as políticas de controle de natalidade, a possibilidade de pedir separação

do marido, o divórcio, o acesso à escolaridade irrestrita, a oportunidade de emprego em áreas antes exclusivamente masculinas etc. No campo de luta das mulheres, uma conquista importante, no Brasil, foi a criação de uma delegacia especializada em crimes contra a mulher, especialmente os de cunho sexual e os crimes de violência doméstica. Outro exemplo de conquista é o de 2015, quando entra em vigor a Lei nº 13.104 que classifica feminicídio, homicídio de mulher em razão de gênero social, ou seja, pelo simples fato de ser mulher, como crime hediondo. Em razão disso, era de se esperar que um crime como do goleiro Bruno, mesmo após ele ter cumprido parte de sua pena, gerasse repulsa, e que ele não fosse reintegrando à sociedade como o grande atleta que foi. O que se viu, como já destacado, foi o contrário. E isso foi confirmado pela relação do caso com a denúncia feita ao jogador Neymar. Muitos comentários sobre esse último caso relembram o caso Bruno, “brincando” com o fato de ele ter cometido um crime de “verdade”, exemplo a ser exaltado, pois o jeito certo de ser ou fazer alguma coisa, à maneira antiga ou tradicional, como já exposto no uso do termo “raiz”.

No entanto, observando os dados acerca da violência contra mulher, podemos entender a importância em tratar sobre esse assunto. Segundo o anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), entre 2020 e 2021, houve 2.695 homicídios de mulheres no Brasil.

Outros dados entre 2021 e 2022 foram divulgados pelo mesmo anuário, dos quais destacamos que:

- uma mulher é morta a cada sete horas por ser mulher. O dado mais recente sobre feminicídio é do FBSP. As mortes foram registradas como feminicídio, ou seja, quando a vítima morre por causa do seu gênero;
- ao menos uma mulher ligou por minuto para a polícia denunciando agressões decorrentes de violência doméstica;
- a taxa de mortalidade por feminicídio foi de 1,22 mortes a cada 100 mil mulheres,
- houve um aumento de 3,34% na taxa de registros de ameaça, e crescimento 0,6% na taxa de lesões corporais dolosas em contexto de violência doméstica.
- os registros relativos a crimes de assédio sexual e importunação sexual cresceram 6,6% e 17,8% respectivamente.
- considerando os dados mensais de feminicídios no país entre 2019 e 2021 houve um aumento dos casos entre os meses de fevereiro e maio de 2020,

momento em que aconteceu uma maior restrição nas medidas de isolamento social por conta da pandemia de covid-19 causada pelo SARS-CoV-2. Em 2021, a tendência de casos seguiu muito próxima àquela verificada no ano anterior, com média mensal de 110 feminicídios.

Com relação a lei 13.104, fica a cargo dos servidores sua tipificação, com isso, é possível perceber dificuldades no enquadramento de crime enquanto feminicídio, explicam as pesquisadoras do fórum. De modo que: no contexto Brasileiro, a proporção desse crime em relação aos homicídios dolosos de mulheres foi de 34,6% em 2021, porém nota-se que no Ceará, por exemplo, apenas 9,1% foram classificados como assassinato de mulheres somente por serem mulheres. "Percebemos que as autoridades policiais possuem mais facilidade em classificar um homicídio de uma mulher enquanto feminicídio quando este ocorre no contexto doméstico, com indícios de autoria conhecida: o companheiro ou ex-companheiro", observam as pesquisadoras.

O ano de 2021 houve crescimento de registros de estupros e estupros de vulnerável contra meninas e mulheres no Brasil. De modo que, uma menina ou mulher foi vítima de estupro a cada 10 minutos (considerando somente casos registrados pelas autoridades policiais). Significando uma taxa média de 51,8 para cada 100 mil habitantes do sexo feminino no país.

1.5 Bases da pesquisa e questões norteadoras

Esta pesquisa pretende analisar, em enunciados que se justificam humorísticos, a banalização e incitação do crime de feminicídio, apontando para como essa prática pode contribuir para a naturalização desse delito.

Para isso, usam-se os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise Dialógica do Discurso, corrente brasileira de estudo das obras do Circulo de Bakhtin. Com o objetivo de analisar os comentários a fim de verificar como o tema dos enunciados não é uma piada, como parecem pretender seus locutores e compreender alguns de seus interlocutores, este trabalho se fundamenta na noção de enunciado concreto e no aspecto ideológico da palavra. O que se pretende é pensar como os enunciados recorrem a um tópico – o caso do goleiro Bruno –, valorando-o com palavras que se pretendem jocosas, ou seja, com sentido humorístico. Desse modo, as questões desta pesquisa podem ser assim formuladas:

(1) Esses enunciados realizam o tema que pretendem, isto é, uma piada? (2) A valoração dada às palavras que fazem parte do enunciado reflete a banalização da violência contra a mulher? (3) Recorrer a um tópico que remete a um caso de violência extrema contra mulher contribui para que esses casos sejam naturalizados? (4) A desqualificação de enunciados que reprovam os que se justificam fazer humor reforça essa naturalização?

Com isso, acreditamos ser importante analisar comentários que banalizam e incitam o crime de feminicídio em enunciados que pretendem fazer humor, buscando apontar como esses discursos contribuem para a naturalização da violência contra a mulher. Para isso, temos como objetivos específicos: verificar as relações dialógicas que se estabelecem entre a notícia e entre comentários; refletir acerca do estilo dos comentários, verificando como determinadas palavras são usadas para banalizar a violência; identificar os tópicos que relacionam os casos do goleiro e do jogador presentes em enunciados; identificar o tema dos enunciados, procurando demonstrar o quanto comentários que aparentemente são uma piada, fazem, na verdade, apologia e incitação à violência contra mulher; compreender como a desqualificação de enunciados que criticam comentários que pretendem fazer “humor” na relação dos casos pode reforçar a naturalização da violência contra a mulher.

A hipótese é de que esses discursos demonstram visões de mundo que se mostram em interações no âmbito de uma cultura patriarcal, que vê o homem em um espaço de poder, de superioridade em relação à mulher, o que os leva a “brincar” com situações de violência pelas quais ela passa. São casos que eles minimizam, que não entendem por que não podem ser motivo de riso, pois insistem, do lugar que ocupam, em ignorar a complexidade do dizer, que mais do que uma expressão é uma construção que contribui para a continuidade de agressões contra mulher. É, então, em torno dessas questões que se organiza esta pesquisa.

A linguagem, resultado da interação entre sujeitos, representa, para teoria bakhtiniana, uma prática social cotidiana, que tem na língua a sua realidade material, entendida não como um sistema abstrato de formas linguísticas, mas algo que envolve a experiência do relacionamento entre sujeitos. Sendo essa relação dos sujeitos com a língua que determina a enunciação, e parte integrante do sentido do enunciado, entende-se pertinente que se discuta sobre como a palavra pode

demonstrar o que as pessoas pensam, pois o modo como elas as usam, as valoram, pode contribuir para a banalização da violência de gênero social.

Partindo-se do princípio de que uma das mais significativas mudanças que surgiu com o advento da Internet é a possibilidade de socialização através de ferramentas digitais e de que os sites de redes sociais permitiram que as pessoas interajam mais rapidamente e a distância, é possível, por um lado, evidenciar muitos aspectos positivos dessas já não tão novas formas de comunicação. Mas, por outro lado, é necessário destacar que o diálogo nas redes sociais leva indivíduos a dizer coisas que possivelmente não seriam ditas num diálogo face a face, como no caso que estamos tratando aqui, a produção de enunciados que replicam discursos machistas, intolerantes e criminosos em relação às mulheres vítimas de agressão.

Esses enunciados penetram na consciência do indivíduo e lá encontram com os enunciados outros já ouvidos antes, e é o confronto entre esses enunciados que carregam diferentes valores que construirá o seu discurso. Isso pode levar a mudanças de opinião, pode ser também um reforço do que se pensa, pois o modo como as pessoas percebem o mundo é sempre construído através do outro, de outros discursos, de outras formas de valorar os objetos e ações, o que determina que se faça determinados juízos de valor sobre alguma coisa. Sendo assim, mais do que dizer algo, se constrói algo, que é expresso pelo uso da palavra que, no enunciado, segundo a teoria bakhtiniana, é um fenômeno social e ideológico, já que refere a realidade a partir de uma posição valorativa, refletindo uma situação ao mesmo tempo que a (re)constrói.

Posto isso, a escolha do conteúdo justifica-se, principalmente, pela necessidade de demonstrar, por meio da análise dos comentários, que, embora para Volóchinov, (2017), a palavra seja neutra, isso significa que ela pode ser preenchida por qualquer posição ideológica. Desse modo, é preciso pensar como certos discursos, que apresentam a violência contra a mulher como algo jocoso, ou mesmo natural, podem favorecer a naturalização de uma prática que pode contribuir para a cristalização dessa violência.

Uma vez que, nenhum dizer é neutro no sentido de não expressar um ponto de vista apenas, todo enunciado terá uma intenção, um projeto de dizer, e virá de alguém que ocupa um lugar na sociedade, ou seja, está diretamente ligado ao social e histórico. Assim, o que se pretende dizer vai trazer marcas de um posicionamento ou de uma opinião a respeito de algo. Quando há a escolha de uma palavra e não

de outra, essa escolha é valorada, ou seja, ideológica, sendo dotada de intenção que expressa uma visão de mundo.

Desse modo, cada comentário a ser analisado é um enunciado valorado, no qual o locutor enuncia a sua posição, procurando dar um sentido de humor ao seu dizer, porém deve-se pensar que fazer piada com esse assunto pode ser uma forma de banalização da violência contra a mulher, contribuindo para a perpetuação de um discurso que naturaliza isso. Por isso, é preciso compreender esses dizeres no que eles realizam, não somente no que pretendem.

2. CIRCULO DE BAKHTIN: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Para a construção deste texto, iremos nos fundamentar na proposta da Análise Dialógica do Discurso (ADD), denominação no Brasil de uma corrente de estudos discursivos baseada na teoria do Circulo de Bakhtin. Neste capítulo, serão apresentadas considerações acerca da teoria e dos conceitos necessários para o desenvolvimento deste trabalho, como relações dialógicas, enunciado concreto, palavra, gêneros do discurso e, por fim, tema e significação.

Mikhail Bakhtin, filósofo russo, foi um dos mais conceituados estudiosos que viveram na antiga União Soviética, vivenciando inclusive os anos da grande revolução russa, era pertencente de uma família nobre não-titulada e liberal. Conforme Clark e Holquist (1998), Bakhtin recebeu uma boa formação escolar, tendo estudado na Universidade de São Petersburgo (que mudou de nome quando a cidade passou a chamar-se Petrogrado). Interessava-se por filosofia, linguística, teologia, literatura.

Após formar, fugindo da fome e do frio, mudou-se para Nevel, onde se envolveu em um Circulo filosófico de intelectuais que se interessavam por filosofia e pelo debate de ideias. Era um grupo que formava um Circulo de estudos com interesses diversos, cujos encontros, nas chamadas “noites filosóficas”, debatiam, dentre outras coisas, obras importantes da filosofia ou mesmo textos religiosos. Os membros do grupo foram aos poucos mudando-se para Vitbsk em busca de uma vida cultural mais rica, centrando-se cada vez mais em torno de Bakhtin.

Se na primeira cidade, Bakhtin conheceu Valentin Volóchinov, agora encontra Pável Miedviédiev e, juntos, formariam o que hoje se conhece como Circulo de Bakhtin. No entanto, é preciso considerar que:

O Circulo de Bakhtin não formava em nenhum sentido uma organização fixa. Constituíam simplesmente um grupo de amigos que gostava de encontrar-se e debater ideias e que tinham interesses filosóficos em comum. Às vezes reuniam-se todos, porém outras vezes apareciam apenas dois ou três para discutir uma determinada obra particular. Em geral, alguém do grupo preparava uma breve sinopse ou resenha de um texto filosófico e lia o trabalho para os outros como base das discussões. (...) De vez em quando, um dos participantes dava uma série de palestras para os demais. (...) Em essência, o Circulo dividia-se em duas categorias, a dos discípulos de Bakhtin e a dos seus interlocutores (CLARK E HOLQUIST, 1998, p. 125-126)

Assim, eram vários integrantes em torno de Bakhtin, mas o destaque hoje dado a Volóchinov e Miedviédiev deve-se a controvérsias sobre a autoria dos textos dos três, discussão iniciada nos anos 1960 e já resolvida por estudiosos das obras do Circulo, ainda que não haja, por parte dos autores, “nenhum relato de como e por quem tais textos foram escritos” (IDEM, p. 172). Nesse sentido, podemos compreender o motivo pelo qual a teoria do círculo é protagonizada por esses três autores. É a partir das considerações teóricas presentes especialmente nas obras desses autores e em textos de seus comentadores brasileiros que se organiza este capítulo.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, publicado originalmente em 1929, Volóchinov apresenta críticas a duas tendências de estudo da linguagem: a primeira, o subjetivismo idealista, que defendia a linguagem como fruto do psiquismo, ou seja, da mente de alguém, de um indivíduo que enunciaria numa perspectiva que viria do interior para o exterior; a segunda, o objetivismo abstrato, relacionada à Saussure, linguista suíço que entendia a língua como material, autônoma e abstrata, como um sistema. Em contraposição a essas duas perspectivas, para Volóchinov:

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas [a concepção de Saussure] nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, [subjetivismo individualista] mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados (VOLÓCHINOV, 2017, p. 218-219).

Como podemos ver, um dos aspectos mais importantes da teoria do Circulo de Bakhtin é a formulação da natureza social da língua, visível nas relações que se estabelecem entre interlocutores na enunciação, fundada na necessidade de comunicação, em que, conforme a teoria, levam-se em conta enunciados já ouvidos, e projeta-se o dizer para além disso, com base também no que sabemos acerca do outro, do parceiro na comunicação. Seus estudos nessa perspectiva propunham um estudo da linguagem com base em uma abordagem que especifica os modos de interação, a intenção enunciativa e as relações intersubjetivas da enunciação.

Nesse sentido, a língua em uso não pode ser vista como um sistema, e tampouco como fenômeno individual, uma vez que constitui um acontecimento social que só existe na interação verbal, por meio de enunciados. Ou seja, a

linguagem é considerada não como um instrumento, mas como uma atividade social constituída na e pela relação entre interlocutores nas interações.

Segundo Sobral (2009, p. 40), “o Circulo propõe uma concepção de interação radicalmente dialógica”, fundada no diálogo, que vai além da relação face a face, embora também a englobe. A interação é constitutiva do processo, sempre contínuo, de criação do sentido, envolvendo a relação entre interlocutores. Desse modo, “a linguagem (e os discursos) tem seus sentidos produzidos na presença constitutiva da intersubjetividade (a interação entre subjetividades) no intercâmbio verbal, ou seja, as situações concretas de exercícios da linguagem” (SOBRAL, 2009, p. 32). ”.

Essa concepção dialógica da linguagem, vinculada à da interação, é, de acordo com Sobral, a base do processo de produção dos discursos e da própria linguagem, definida a partir da cadeia de enunciações, da produção concreta de enunciados. Como aponta Volóchinov (2017, p. 184) toda enunciação é uma resposta, “um elo na cadeia ininterrupta dos discursos verbais”, ou seja, dos atos de fala.

Desse modo, afirma Bakhtin,

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores – emanantes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados (BAKHTIN, 2016, p 26)

Se, como destaca Sobral (idem, p. 33), os atos humanos ocorrem em permanente tensão com os outros atos, “o dialogismo é a ideia-mestra segundo a qual toda ‘voz’ (todo ato) humana envolve a relação com várias vozes (atos), dado que nenhum sujeito falante é a fonte da linguagem/do discurso, ainda que seja o centro de suas enunciações (...)”. Assim, o enunciado (e o discurso) são dialógicos porque não há enunciação sem um sujeito enunciador, o qual não pode agir fora da interação com o outro, do mesmo modo como não há interação sem diálogo.

Sobral apresenta, a partir dessas considerações, três planos distintos do conceito de dialogismo, do geral para o particular:

1. Dialogismo designa em primeiro lugar a condição essencial do próprio ser e agir dos sujeitos. O sujeito só vem a existir na relação com outros sujeitos, assim, como só age em relação a atos de outros sujeitos (...).
2. Dialogismo designa em segundo lugar a condição de possibilidade da produção de enunciados/discursos, do sentido, portanto. (...) o sentido nasce [então] de 'diálogos' (no sentido amplo) entre formas de enunciados/discursos passados, que já foram produzidos, e formas de enunciados/discursos futuros, que podem vir a ser produzidos (...).
3. Dialogismo é, por fim, a base de uma forma de composição de enunciados/discursos, o diálogo (...). (SOBRAL, 2009, p. 35-36)

Nessa perspectiva, segundo Bakhtin (2003, pág. 230), “O discurso sente tensamente ao seu lado o discurso do outro falando do mesmo objeto e a sensação da presença deste discurso lhe determina a estrutura.”

Trata-se, ainda, de uma relação que envolve negociações, tensões, consideradas a partir da interação, do que o locutor pretende dizer, levando em conta o que ele pensa que o interlocutor espera que ele diga, o que já foi dito a esse respeito, e, supondo, tentando prever os conhecimentos e ideias que o interlocutor possa ter disso tudo. Também conforme Bakhtin (2003, pág. 56):

As relações dialógicas – fenômeno bem mais amplo do que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente – são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância..

Assim, podemos afirmar que as relações discursivas são determinadas por questões sociais, históricas e ideológicas. O enunciado é, então, a ponte para a relação entre os indivíduos, que são relações sociais, de forma que o pensamento só se tornará concreto, real, quando externado de modo oral ou escrito através dos enunciados, pois, conforme, Stella e Brait (2021 p.152), “A palavra orientada a outros pode provocar reações as mais diversas, tornando-se quase impossível a previsão de todas as variações responsivas possíveis”.

Essas variações permitem que surjam os sentidos, que são realizados nas interações, a partir da chamada compreensão responsiva ativa - o locutor enuncia em função da existência de um interlocutor, esperando dele uma atitude responsiva, utilizando uma espécie de antecipação do que o outro vai dizer, isto é, projetando, imaginando, o lugar desse ouvinte. Para Sobral, na produção de um enunciado/discurso,

o locutor e o interlocutor têm o mesmo peso, porque toda enunciação é uma 'resposta', uma réplica, a enunciações passadas e a possíveis enunciações futuras, e ao mesmo tempo uma 'pergunta', uma 'interpelação' a outras: o sujeito que fala o faz levando o outro em conta não como parte passiva mas como parceiro-colaborativo ou hostil-ativo. (SOBRAL, 2009, P. 32)

Nesse sentido, no arcabouço que qualifica a interação verbal (enunciação, interlocutor, situação de enunciação, diálogo, social, histórico etc.), o locutor levará em conta, para enunciar, quem é o seu(s) interlocutor (s), de que modo ele irá organizar o que pretende dizer em função dele(s). Uma vez que tem um objetivo nessa enunciação, ele irá escolher dizer algumas coisas e deixar de dizer outras, de um ou de outro modo, tudo em função daquele com quem está falando. Dessa maneira, o contexto, a situação do momento da enunciação, socialmente e historicamente determinada, é que irá fazer com que cada enunciado adquira um dado sentido a cada vez que é proferido.

Tentando interpretar a cadeia dialógica que dá sustentação aos dizeres, a relação entre interlocutores deve ser entendida numa perspectiva social e histórica, pois essa relação entre eles é norteadora de valores e sentidos nos discursos. Logo, a noção de relações dialógicas se refere ao desenvolvimento do processo de significação e de sentido na interação das vozes sociais, que se intercalam mutuamente, encontrando-se, desencontrando-se, dispersando-se e agrupando-se em torno do todo social, tecendo multiplicidades dialógicas através dos discursos.

As relações dialógicas se dão por meio do encontro de enunciados que carregam valores diferentes, uma vez que cada pessoa simboliza/pensa o mundo de certa forma. De acordo com Faraco (2007, p. 44), as relações dialógicas são entendidas como

Somente quando contrai relações dialógicas essenciais com as idéias dos outros é que a idéia começa a ter vida, isto é, a formar-se, desenvolver-se, a encontrar e renovar sua expressão verbal, a gerar novas idéias. O pensamento humano só se torna pensamento autêntico, isto é, idéia, sob as condições de um contato vivo com o pensamento dos outros, materializando na voz dos outros, ou seja, na consciência dos outros expressa na palavra. É no ponto desse contato entre vozes-consciências que nasce e vive a idéia.

Assim, o que Bakhtin chama de relações dialógicas diz respeito à “dinâmica de múltiplas interrelações responsivas entre posições socioavaliativas.” (FARACO, 2005, p. 219). Segundo Bakhtin, “viver significa ocupar uma posição axiológica em

cada momento da vida, significa firmar-se axiologicamente” (2003, p. 174). Isso torna necessário, para a compreensão de toda e qualquer ato/situação/evento, compreender o jogo de valores que o organiza. Desse modo, todo enunciado é uma resposta a esse jogo de valores, pois leva o enunciatador a participar do diálogo suscitado pelo fato enunciativo/discursivo. Logo, para Bakhtin,

A única forma adequada de *expressão verbal* da autêntica vida do homem é o *diálogo inconcluso*. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2003b, p.348, grifo do autor).

Segundo o Circulo, “a consciência individual é um fato social e ideológico” (VOLÓCHIVOV, 2017, p. 97). É, então, como aponta Faraco pela perspectiva bakhtiniana (IDEM), sempre plural, pois povoada pelas vozes sociais que estão em contínuas relações dialógicas porque (1) essas relações já estão dadas no social e os sujeitos as reproduzem; (2) porque eles sempre se posicionam frente a essas vozes e a suas relações; (3) porque novas e únicas relações são estabelecidas a cada consciência.

Os enunciados concretos são manifestações do que Bakhtin denomina heteroglossia, isto é, da linguagem como um conjunto múltiplo e heterogêneo de vozes. A estratificação sociológica da língua em vozes sociais mostra o caráter plurivocal da linguagem em uso. Conforme apontado por Faraco em relação à teoria do Circulo,

As vozes sociais são conceituadas como complexos verbo-axiológicos cuja existência decorre do fato inescapável de que as nossas relações com o mundo ao mesmo tempo que o refletem, o refratam. Nossas cognição é necessariamente historicizada e semiotizada. Assim, nós nunca podemos alcançar uma relação direta e pura (não mediada) com o mundo; ele sempre é apropriado de forma refratada, isto é, no interior de horizontes sociais de valores. (FARACO, 2007, p, 47)

Portanto, importa compreender como essas vozes estão em diálogo, como respondem umas às outras, como produzem sentidos, de modo que, qualquer “palavra permanece no diálogo contínuo, no qual ela será ouvida, respondida e reapreciada” (BAKHTIN, 2003, p. 356).

Entendendo, assim, o enunciado concreto como lugar de manifestação das relações dialógicas, Volóchinov (2017) afirma que a compreensão e apreensão do mundo pelos sujeitos se dá por meio de signos, que, ao significarem, vão além de suas particularidades materiais, a depender das diferentes situações de interação, de modo que os signos permitem toda uma variedade dos modos de perceber/reconhecer/representar a realidade.

O signo, parte de uma dada realidade, também reflete e refrata essa realidade, que é exterior a ele e, portanto, sujeita aos critérios de avaliação ideológica. Segundo o autor, onde há signo, há ideologia, pois “tudo que é ideológico possui significação sýnica” (VOLÓCHINOV, 2017, p 93), ou seja, tudo que é ideológico é um signo, possui um significado e remete a algo fora dele.

Os signos aparecem na experiência exterior como formas de uma consciência individual, referindo-se a uma realidade, que refletem e refratam, ou seja, apreendendo-a de modos específicos. Porque essa consciência somente se torna efetiva (se materializa) em signos, sendo a compreensão uma resposta a outros signos por meio de signos. Assim:

A compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz também com signos. Essa cadeia da criação e da compreensão ideológica, que vai de um signo a outro e depois para um novo signo, é única e ininterrupta: sempre passamos de um elo sýnico, e portanto matéria, a outro elo também sýnico. (VOLÓCHINOV 2017, p. 95)

Os signos são indispensáveis para a consciência individual, para o seu desenvolvimento, refletindo e refratando sentidos, conteúdos ideológicos construídos nas interações de um grupo social, o que determina que a consciência individual seja um fato socioideológico. Assim, separam-se os fenômenos ideológicos da consciência individual, ligando-os às condições e formas da comunicação social:

Ora, se a linguagem pode ser caracterizada como um fenômeno que só tem sentido no ambiente histórico-social de que faz parte e se a percepção e a consciência que os indivíduos têm da realidade estão intimamente ligadas aos processos linguísticos, é possível afirmar que a percepção e a consciência individuais também resultam das relações particulares que os indivíduos mantêm com suas condições reais de existência (com sua 'realidade material') e com a 'configuração simbólica' que estas comportam. (SOBRAL e GIACOMELLI, 2019, p.10).

O signo, então, apresenta/constrói a realidade de um determinado ponto de vista, num processo axiológico, como uma classificação de valores. Ou seja, apreende-se um objeto dado simbolicamente pela coletividade e refrata-se essa apreensão como uma nova compreensão. Assim, entende-se que o signo existe a partir de uma dada realidade, mas vai além dela, refratando-a, de modo que o signo e a ideologia se relacionam mútua e continuamente.

A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz, Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou. (BAKHTIN, 2003b, p.).

Faraco” (2013 p.180). aponta que, “todo signo é ideológico porque se materializa no espaço de uma das esferas da superestrutura (arte, religião, direito, filosofia, ciência, ética etc.) e a materializa. Essa concepção do signo é a base para a definição de enunciado concreto. Bakhtin afirma que o verdadeiro objeto de análise, ou a real unidade da comunicação discursiva, é o enunciado, porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso (BAKHTIN, 2016, p. 28).

O enunciado é considerado pelo Círculo a unidade da comunicação discursiva, posto que as pessoas se comunicam interagindo por meio de enunciados concretos. Desse modo, o enunciado concreto nasce na interrelação discursiva, sempre como uma resposta a outros enunciados, o que faz com que um enunciado qualquer não possa ser considerado nem como o primeiro nem como o último. Cada enunciado constitui um novo dizer, podendo ser citado, mas não repetido, visto que, nesse caso, constitui-se como um novo acontecimento, pois, por mais que se usem as mesmas palavras para dizer algo já enunciado, esse enunciado terá um sentido único em função das circunstâncias em que se dá a sua enunciação. Por isso,

No âmbito de um mesmo enunciado a oração pode repetir-se (a repetição, a citação de si mesma, o involuntário), mas a cada vez ela é sempre uma nova parte do enunciado, pois mudou de lugar e de função na plenitude do enunciado. (BAKHTIN, 2016, p.79)

Portanto, nas situações típicas de enunciação, os enunciados se renovam de modo singular, eles acompanham o desenvolvimento e a profundidade do universo

social e podem ser citados, mas nunca repetidos. O autor do enunciado avalia seu destinatário e, a partir disso, modela a forma e o modo de produção do seu dizer, que poderá variar a depender da situação social, da posição do seu interlocutor e da representação que esse interlocutor tem para o locutor. Desse modo, o locutor levará em conta, antes de enunciar, como ele imagina que o destinatário irá receber seu dizer, tentando prever as valorações que o outro tem sobre o assunto.

O enunciado difere da frase, que é unidade de estudo da língua, pois permite uma resposta ao interlocutor, sendo, por isso considerado a unidade da comunicação discursiva. Nesse sentido, Bakhtin afirma que,

Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta (BAKHTIN, 2003, pág.297).

Ainda que direcionado em seu objeto, o enunciado não deixa de ser uma resposta àquilo que já foi dito sobre dado objeto, sobre determinada questão. Isso determina o sentido, pois e, como se viu, a frase é a unidade da língua, ela tem significação (aquele dicionarizado), o enunciado como unidade do discurso, o permite que se estabeleça o sentido, que dependerá sempre do uso. Em outras palavras,

A língua permite produzir frases, que têm significações, e o discurso usa frases para criar enunciados, que podem ser entendidos como frases com autor, frases dirigidas a outras pessoas por um locutor que procura adaptar o que diz ao contexto em que está falando. O locutor usa enunciados na interação (o contato com interlocutores), e a interação acontece em um contexto. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p.1078).

Desse modo, um enunciado pode ter uma mesma forma, mas, dependendo do que pretende o locutor e o contexto de enunciação, terá um sentido diferente a cada enunciação. Sendo assim, a frase não se presta ao uso concreto da língua, mas está à disposição de quem a usa, trazendo uma significação mais ou menos estabilizada, aquela dicionarizada. A partir do momento de sua utilização por um indivíduo, a frase se transforma num enunciado, dado que usada concretamente em uma situação de interação verbal, suscitando uma resposta, imediata ou não.

O indivíduo, por meio do enunciado, que é de natureza social, levará em consideração quem é o outro, e esse outro será corresponsável pelo dizer, pelo

modo como se organiza o dizer na interação verbal, pois, conforme o Circulo, a relação entre eu e o outro é constitutiva do enunciado.

Sobral e Giacomelli (2019) destacam a importância do interlocutor na proposta de Bakhtin:

O sujeito é um ser expressivo, um ser cujos enunciados remetem ao mundo em termos de sua percepção, ou seja, constrói referentes de um dado ponto de vista, e sempre age dirigindo-se a outrem. Em seu discurso, ele endereça o dito a alguém e remete valorativamente ao mundo. Sua vida é, assim, marcada pelo contato com os outros eus. (SOBRAL E GIACOMELLI, 2019, p. 19):

A avaliação do sujeito em relação ao que vai dizer é determinada pela reação ativa do interlocutor. Ainda assim, ele não tem garantido o reconhecimento desse dizer tal como projetou, já a compreensão dessa intenção envolve e depende do outro, cuja reação é imprevisível. Desse modo, o sentido surgirá de uma negociação tensa em que nada está garantido *a priori*.

Na interação, o locutor enuncia levando em conta a situação enunciativa, quais são as possíveis interlocutores, ou qual seu interlocutor específico, qual a relação do locutor com o interlocutor, tentando prever o que o outro espera que ele diga. Esse processo não é totalmente consciente, como alerta Sobral (2009):

O sujeito sempre avalia, ainda que aí estejam envolvidos aspectos inconscientes que ele não pode controlar, o que pretende dizer e causar com seu dizer (seu projeto enunciativo) e modula\ adapta seu modo de dizer de acordo com situação em que diz, que envolve outros sujeitos, instituições etc., bem como as reações concretas ou presumidas dos outros sujeitos etc. (SOBRAL, 2009, p. 95).

Sobral e Giacomelli (2016) afirmam que são três os componentes do enunciado, elementos que estão relacionados ao projeto enunciativo do locutor para dar conta do que ele pretende dizer: (1) a endereçabilidade – refere-se a quem o locutor se dirige; a partir dela, desenvolvem-se as formas de dizer, modulando, alterando ou modificando a maneira como o locutor aborda o objeto e seu discurso em função de todo enunciado ser dirigido, endereçado a alguém; (2) a expressividade, que se refere ao ponto de vista de quem enuncia, envolvendo tanto o modo como a pessoa vê e apresenta o mundo como sua entoação avaliativa, sua avaliação/valoração sobre o objeto de dizer, expressando a sua reação à possível reação do outro; e (3) a referencialidade – o fato de se falar de alguma coisa que

existe no mundo, refletindo e refratando o que vai ser dito, também a depender daquele a quem o locutor se dirige.

Esses três componentes não existem separadamente, como alertam Sobral e Giacomelli (2016, p. 1080):

- 1) não há referência (referencialidade) sem avaliação (expressividade), nem avaliação sem referência a um objeto do mundo (concreto ou abstrato);
- 2) não há expressividade sem o locutor considerar o outro a quem se dirige (endereçabilidade), assim como o locutor não pode se dirigir a um outro de modo não expressivo;
- 3) por fim, também não há referência sem que o locutor considere o outro a quem se dirige, assim como o locutor não pode se dirigir ao outro sem se referir a um objeto do mundo.

O enunciado, portanto, está interligado à situação social (imediata e mediata) em que é produzido e está inserido, e que, ao mesmo tempo, reflete/refrata. Isto é, o enunciado não pode ser compreendido separado das relações sociais que o engendraram. Portanto, a noção de enunciado como um todo de sentido não se limita apenas à sua dimensão linguística, mas tem a situação social e histórica como elemento constitutivo.

Dessa forma, as posições sociais, históricas e ideológicas de todas as vozes presentes nos enunciados concretos convergem para a construção de seu sentido. Nessa perspectiva, os já ditos serão sempre constitutivos do enunciado e responsáveis pela forma como o sujeito se posiciona no mundo, ou seja, o sujeito se constitui na sua relação com os outros: tudo o que pertence à consciência chega a ela através dos outros, das palavras dos outros, sendo, portanto, resultado das relações dialógicas.

Esse processo entre os “já ditos” e o que poderá ser dito é essencial para entender os discursos, sendo, de certo modo, o regulador da enunciação. O reconhecimento dessa trama de dizeres é uma das possibilidades de investigação dos dizeres e de suas teias dialógicas, da construção e possibilidade de sentido. Além de considerar a dimensão alteritária e responsiva do enunciado, é preciso considerar que os enunciados se dão dentro de um contexto extraverbal que precisa ser explicitado para a compreensão do evento sócio-discursivo que se dá por meio da linguagem. Nessa perspectiva,

Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva.

Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra 'resposta' no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (BAKHTIN, 2016, p. 57).

O locutor nunca será o dono do dizer, no sentido de que esse dizer sempre vem de outro lugar, de outras vivências, do que já leu, ouviu, vivenciou. Ou seja, o dizer resulta das relações dialógicas que ele manteve no percurso de sua vida, representada por uma tensão entre o interno e o externo interagido e internalizado de modo a desenvolver seu enunciado em uma tensão entre a palavra sua e a do outro.

Ele só é considerado dono do dizer em termos de responsabilidade pelo que diz, mas não por uma origem, sendo dono desse dizer somente no momento de enunciação. Claro que ele continua responsável pelo que diz depois da interação na qual disse.

Um elemento fundamental nas relações dialógicas, via enunciados concretos, é a questão da compreensão. Segundo Volóchinov (2017), “*Toda compreensão é dialógica*. A compreensão opõe-se ao enunciado, assim como uma réplica opõe-se a outra no diálogo.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 232, grifos do autor). Logo, para compreendermos um discurso, é necessário, de certo modo, produzir uma resposta, de modo que a compreensão vai se configurar um diálogo entre o objeto e a resposta que o interlocutor vai lhe atribuir. E não há como o interlocutor compreender sem uma posição avaliativa/valorativa, pois “Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana*. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 181, grifos do autor).

Ao enunciar, estamos valorando alguma coisa no mundo, pois não existe enunciação sem valoração, de modo que as palavras aceitam diferentes valorações. É importante ressaltar que não se “aplica” valoração à palavra, pois já as aprendemos valoradas. É por meio da escolha de determinadas palavras que se demonstra uma visão de mundo, no processo de refletir e refratar em que cada sujeito será ímpar.

Logo, a valoração será o modo como o indivíduo simboliza o mundo, já que, quando fala sobre algo, o locutor o faz a partir de um ponto de vista, de um lugar

social, de um pensamento construído externamente, internalizado em forma de conteúdo ideológico. A escolha das palavras é que irá permitir mostrar determinada visão de mundo que, para o Círculo, liga-se à ideologia no sentido por ele desenvolvido.

Logo, nenhum dizer é neutro, todo enunciado terá uma intenção, vindo de um projeto de dizer, e virá de alguém que tem determinada experiência, vivência e que ocupa um lugar na sociedade, ou seja, diretamente ligada ao social e histórico. Esse projeto vai trazer marcas de um discurso que terá um posicionamento, uma opinião, ou uma crítica a respeito de alguma coisa.

Na qualidade de locutor, todo sujeito recorre a significações fixadas no sistema linguístico e a valorações (a sua e a dos interlocutores a que se dirige) que não estão no sistema, mas nas circunstâncias de uso da língua. Desse modo, é a união entre significação e valoração que cria sentidos nas circunstâncias históricas e sociais dadas de enunciação.

Assim, para Volóchinov, (2017), o processo de apreensão do mundo se dá por meio de signos, em duas operações simultâneas que refletem e refratam a realidade, isto é, os signos apontam para uma realidade natural ou social, mostrando essa realidade, ao mesmo tempo em que a constrói, dando diversas interpretações (refrações) dessa realidade.

Para o Círculo os signos são essencialmente sociais, nascem da linguagem em uso, que é a realidade da linguagem, Faraco comenta sobre a perspectiva bakhtiniana que:

Os signos emergem e significam no interior de relações sociais, estão entre seres socialmente organizados; não podem, assim, ser concebidos como resultantes de processos apenas fisiológicos e psicológicos de um indivíduo isolado; ou determinados apenas por um sistema formal abstrato. Para estudá-los é indispensável situá-los nos processos sociais globais que lhes dão significação. (FARACO, 2003, p. 48)

Sendo assim, o signo gera sentidos específicos de acordo com a situação enunciativa, de modo que, se essa situação interferir no sentido, o signo mostrará, então, sua característica de organismo vivo e dialógico, carregando para si conflitos de valorações sociais, que serão, desse modo, marcas ideológicas. Ou seja, o signo sofrerá alterações ligadas ao tempo, ao lugar e a história, uma vez que ele é constituído socialmente.

Na concepção bakhtiniana, portanto, toda palavra é ideológica por excelência, ou seja, toda palavra é permeada da ideologia de uma determinada classe ou grupo social. Sendo assim, a palavra possui neutralidade apenas no sentido de pode ser preenchida por qualquer valor ideológico. Se ela tem significados mais ou menos estabilizados, o sentido só será possível no uso. Portanto, as palavras prestam-se a qualquer visão de mundo, que só pode ser compreendida no uso concreto, no enunciado dito/escrito em uma interação, estabelecendo quem são os indivíduos envolvidos e quais seus objetivos na interlocução.

Considerando esses aspectos, para Bakhtin a ideologia não está na consciência, por ser produto da concretude material do discurso, isto é, construída nas interações sociais. Os discursos se interconstituem, uma vez que o ideológico é já parte da constituição da consciência, e esta se forma por meio da linguagem, dos signos. Ao veicular concepções de mundo, a linguagem torna-se um lugar de confrontos ideológicos, envolvendo sempre ao menos um locutor e um interlocutor, e, assim, diferentes valorações.

Com relação a isso, Volóchinov afirma que:

Toda palavra serve de expressão ao 'um' em relação ao 'outro'. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante o interlocutor. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205).

Na interação, há uma constante negociação entre o já dito e o novo, já que o locutor parte de algo do seu conhecimento, algo já dito, para construir seu dizer, dando vida a um evento único e irrepetível mobilizado em função do interlocutor, numa tentativa de presumir as possíveis respostas àquele enunciado. Pode-se dizer, ainda, que:

A partir daí, podemos compreender que toda esfera da atividade humana gera, regulariza e legitima situações de interação específicas. Essas situações de interação, por sua vez, são organizadas por sujeitos engajados em relações intersubjetivas e que interagem por meio de palavras atravessadas por ideologias do cotidiano e ideologias sistematizadas. (ACOSTA; BRAIT, 2019 p. 130).

Na interação verbal, as pessoas precisam saber se expressar em diferentes situações, sendo necessário, para isso, dominar os gêneros das diferentes esferas comunicacionais. Segundo Bakhtin:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos - conteúdo temático, o estilo, a construção composicional - estão indissoluvelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. (BAKHTIN, 2016, p. 11).

Os gêneros se orientam juntamente com o desenvolvimento e profundidade da esfera social, ligados diretamente à interação entre sujeitos, o que faz com que o seu domínio seja indispensável ao locutor. Sendo assim, quanto mais o indivíduo dominar o gênero, mais eficientes serão suas competências comunicativas e práticas sociais. Desse modo:

Quanto melhor dominarmos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 285)

Assim, cada dizer irá se organizar a partir de uma especificidade em função do seu objetivo em um gênero discursivo, correspondendo à determinada forma e estilo para desenvolver seu tema.

Para a ADD, existem diversas maneiras de um locutor dirigir-se ao outro nas interações, com condições específicas e finalidades oriundas de indivíduos que integram atividades verbais em diferentes esferas. Os diferentes modos de utilização da língua se dão pela possibilidade de variação e diversidade das atividades humanas. Assim, seu uso está ligado ao social, ou seja, ocorre em atividades sociais que exigem diferentes formas de utilização da língua, num encontro recíproco da língua com a sociedade. Nesse sentido, podemos entender que:

Se aprender a falar é aprender a estruturar enunciados de acordo com suas formas típicas, aprendemos a falar mediante a assimilação de regras de

gênero, ou critérios de estruturação e uso de enunciados, de acordo com as esferas de atividade em que surgem os gêneros. (SOBRAL, 2009, p. 94).

Desse modo, pensamos através de e com o gênero, já que, a partir do nosso projeto de dizer, qualificamos nossos interlocutores, num determinado contexto discursivo, e, só depois, pela enunciação, dizemos algo a esse interlocutor e o fazemos por meio de enunciados. Segundo Bakhtin (2016, pág. 38), “Falamos apenas através de certos gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do conjunto*.” (grifos do autor)

Os gêneros do discurso, definidos como formas de enunciados dotadas de relativa estabilidade, organizam a maneira como o locutor se dirige ao outro na interação, dentro de esferas de atividade. Como afirma Bakhtin,

Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e certas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. (BAKHTIN, 2016, p. 18).

Os gêneros do discurso, assim, não são criações do indivíduo, mas lhe são fornecidos historicamente, pois seu uso está relacionado a alguma esfera de atividade humana, histórica e socialmente constituída e que apresenta intenções específicas nos discursos que nela são produzidos e circulam. Essas esferas qualificam as situações de interação, estabilizando, de certo modo, os enunciados que nela circulam, originando gêneros particulares a elas.

As formas que utilizamos para realizar um enunciado são diferentes a depender da situação, do espaço e do tempo. Por isso, diz-se que eles são “relativamente estáveis”, pelo fato de que eles podem mudar a depender destas questões citadas anteriormente. Desse modo,

Sob essa perspectiva, podemos compreender que os gêneros, definidos como enunciados relativamente estáveis, se apresentam flexíveis, dinâmicos e fluídos, como também são histórico-culturalmente situados. Como pontua Rodrigues (2005), os gêneros são enunciados típicos que apresentam certos traços (regularidades) que se construíram historicamente a partir/nas atividades humanas, em uma determinada situação de interação relativamente estável. (ACOSTA E RODRIGUES, 2010 p.151)

Segundo a teoria dialógica, “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1997, p. 279). Isso revela o caráter de coletividade e inesgotabilidade dos gêneros, uma vez que:

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de certo gênero de discurso. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes etc. Em seguida, a intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em determinada forma de gênero. (BAKHTIN, 2016, p. 38).

Os gêneros se constituem, então, a partir de situações cotidianas da vida social que são mais ou menos estáveis. E, considerando essa complexidade de cada esfera social, a pluralidade e a liquidez dos gêneros são infinitas, como afirma Bakhtin (2016, p.12):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade.

Para Bakhtin (2016, p. 15), o campo de utilização da língua determinará os gêneros discursivos, que podem ser divididos em dois grupos: (1) primários, aqueles do cotidiano, utilizados para uma conversa imediata em que haverá uma relação mais simples, mais próxima, entre os interlocutores, (2) secundários, originários dos primários, aqueles com caráter normativo mais rígido, que adquiriram uma estabilidade um pouco mais fixa, possivelmente por conta de não terem um locutor direto em vista, ou ainda, por terem uma forma relativamente estável de ser reconhecido, predominantemente escritos.

Segundo Bakhtin (2016) o enunciado e a enunciação apresentam algumas peculiaridades constitutivas. Antes de tudo, a enunciação implica a alternância entre locutores. Como define o autor:

O falante termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma

unidade convencional, mas uma unidade real, delimitada com precisão pela alternância dos sujeitos do discurso e que termina com a transmissão da palavra do outro[...] (BAKHTIN, 2016, p. 29).

Outra peculiaridade é a conclusibilidade, relacionada à questão do acabamento, da finalidade. Quem enuncia tem um projeto de dizer, ou seja, o ato de enunciar tem um objetivo. Assim:

[...] a conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente quando o falante disse (ou escreveu) tudo o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições (BAKHTIN, 2016, p. 35).

Existe ainda uma terceira peculiaridade, que já foi mencionada, é a relação do enunciado/enunciação com o locutor e o interlocutor, os parceiros da interlocução. Quando assistimos ao telejornal, a uma propaganda, lemos um livro ou um post, desenvolvemos, ainda que inconscientemente, uma resposta àquilo que em uma relação dialógica com tudo o que já pensávamos sobre o assunto, e os nossos enunciados futuros, serão, então, uma resposta a tudo que ouvimos ou lemos.

Esses elementos, em sua variabilidade, explicam, ao lado das mudanças das esferas de atividade, estão ligados ao caráter mutável e adaptativo dos gêneros. Os gêneros estão sempre em uma relação de mutação e adaptação na interação, atendendo aos interesses dos interlocutores e, portanto, vários elementos podem interferir na forma como um gênero irá se apresentar: a esfera de atividade, o projeto enunciativo e a relação com o interlocutor. O que se faz, se realiza, usando um enunciado é o que importa para se definir o enunciado como um gênero do discurso, ou seja, dar uma ordem, fazer um pedido, uma brincadeira, uma piada etc. é o que vai determinar o modo como o enunciado vai se organizar.

Do ponto de vista mais formal, deve-se dizer que os gêneros possuem três componentes importantes e indissociáveis: unidade temática, estilo e construção composicional, que devem sempre ser considerados a partir do todo do enunciado, situação sócio-histórica, locutor, interlocutor, projeto enunciativo, dentre outros.

De acordo com Sobral e Giacomelli (2016, p. 187)), a “unidade temática de um gênero é aquilo que ele diz e faz usando um texto. A unidade temática pode ser criada usando-se os mais diversos textos.” Esse “querer”, esse objetivo, pode ser diverso, a depender da situação de enunciação e da responsividade dos interlocutores, será o tema do enunciado, que poderá ser exposto em tópicos

discursivos, que irão convergir para determinada unidade, para o projeto de dizer. Será, portanto, o conteúdo ideologicamente dado e tornado comunicável por meio dos gêneros; não será somente objeto (assunto) + sentido, mas incluirá a situação social - a intenção do falante determinada pelo lugar/contexto.

A forma composicional não deve ser confundida com formas estruturais rígidas, deve ser vista de forma líquida e dinâmica, modo como as esferas sociais organizam os enunciados, apta a mudanças, considerando a mobilização dos interlocutores. Ela será responsável pela organização material do enunciado, mas não deve se reduzir a essa característica, uma vez que, embora seja a maneira como o tema é desenvolvido textualmente, isso é feito em função do projeto enunciativo.

O estilo está indissoluvelmente ligado ao tema e à composição, não sendo só a parte formal da língua, mas o sentido, o modo de uso da língua e diz respeito à seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, ligados a expressividade, assim, diretamente ligado à valoração, uma vez que, um enunciado absolutamente neutro é impossível.

A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. O estilo individual do enunciado é determinado sobretudo por seu aspecto expressivo. No campo da estilística, pode-se considerar essa tese universalmente aceita. Alguns pesquisadores chegam inclusive a reduzir diretamente o estilo ao aspecto emocionalmente valorativo do discurso. (BAHKTIN. 2016, p.47)

Conforme destacam Sobral e Giacomelli (2016, p. 1088). trata-se da “maneira como usamos a forma composicional para realizar o tema”. Ou seja, mobilizando a língua, fazendo escolhas dentro do sistema linguístico, utilizando elementos mais marcados, mais polêmicos ou menos polêmicos, escolher uma palavra que irá criar um problema, por exemplo.

Os gêneros do discurso são responsáveis por modelar nosso modo de agir pela linguagem, explicitando o fato de sempre pensarmos pela multiplicidade de formas típicas de enunciados. Por isso, para o Círculo, pensamos no e com o gênero. Com isso, compreende-se que os gêneros possibilitam as interações, as produções enunciativas. Todos os elementos pertencentes ao gênero estão ligados aos interlocutores, a quem o locutor se dirige, bem como ao projeto de dizer do locutor, que é aquilo que ele espera conseguir dos interlocutores com o gênero.

Desse modo, é a situação enunciativa, ao lado da intenção discursiva do locutor, que determinarão o conteúdo temático, a forma composicional e o estilo do enunciado.

Com isso, entramos na noção de tema que na abordagem da ADD, apresenta um problema terminológico, uma vez que seu significado recobre o que se entende pelo assunto de um texto ou mesmo tópico tratado em uma interação verbal. Também por problemas como esse, Volóchinov (2017) aponta que “unidade temática”, um dos aspectos do enunciado, é a expressão que mais se aproxima do que ele teoriza como tema. Sobral (2009) também alerta que tema, na teoria do Circulo, não pode ser confundido com assunto ou tópico, mas sim diz respeito ao sentido concreto, contextual, de um enunciado, uma vez que os contextos, as situações de uso, alteram as palavras, imprimindo a elas novos sentidos a partir das formas fixadas da língua, aquelas abstratas, registradas nos dicionários. Assim, para o Circulo, uma enunciação compreende tanto o tema como a significação:

As formas da língua são o plano da significação, dos significados convencionalmente estabelecidos, fixados, cristalizados, e a interação é plano dos elementos concretos que surgem do contexto em que essas formas da língua, incluindo palavras, são usadas, o plano do tema. (SOBRAL, 2009, p. 74)

Por isso, destaca Sobral, tema e significação estão ligados de forma que um não pode existir sem o outro, ou seja, somente é possível compreender a significação de um enunciado a partir da identificação do tema que ele realiza e apenas pode-se entender um tema se compreendermos a significação que lhe serve de base e que se associa ao tema na interação. No interior do tema, a enunciação é igualmente dotada de uma significação. Trata-se de “um conjunto de recursos necessários à realização do ‘tema’, sendo nessa realização que nasce o sentido.” (SOBRAL, 2009, p. 75). A significação é, de acordo com Cereja (2005), a potencialidade da construção do sentido própria dos signos linguísticos e das formas gramaticais da língua decorrentes dos usos reiterados que esses elementos assumiram historicamente. Eles conferem certa estabilidade aos enunciados, já que podem, em diferentes enunciações, carregar as mesmas indicações de sentido.

Assim, a significação diz respeito ao conjunto de elementos da língua que são reiteráveis e idênticos, que embora abstratos e fundados numa convenção, sem existência concreta, são parte essencial da enunciação, sem os quais esta não

poderia ocorrer. No entanto, a significação não é suficiente para dar conta do sentido, que só acontece em situações concretas nas quais prevalece o tema.

Volóchinov (2017) formula a relação entre tema e a significação colocando o primeiro (o tema) como limite superior e real do significar da língua, pois, na essência, apenas o tema pode designar algo determinado, e a segunda (a significação) como o limite inferior, já que ela, em si, nada significa, uma vez que, é apenas possibilidade, potencialidade de sentido dentro de um tema concreto. Sobral (2009, p. 75) coloca, porém, que se a significação é inferior e o tema superior, isso não implica hierarquia, e sim precedência: “a significação vem antes do tema, mas este depende dela para existir”.

Ainda segundo Volóchinov, a significação de um elemento linguístico pode orientar-se em duas direções: para o estágio superior, o do tema, na investigação da significação contextual de uma dada palavra em uma enunciação concreta; ou para o estágio inferior, o da significação da palavra no sistema da língua, na investigação da palavra dicionarizada. Já o tema diz respeito ao conjunto integrado (porque solidários uns aos outros) de elementos únicos (porque cada enunciação é única) que se manifestam na enunciação concreta e que geram sentido por serem entendidos a partir do contexto e da situação de enunciação. Ele só pode ser estabelecido pela consideração dos elementos extra-verbais aliados aos elementos verbais, ou seja “o tema não é fixado, mas dinâmico; é uma mobilização de formas da língua segundo as condições da enunciação, é o lugar em que significação + enunciação produzem sentido.” (SOBRAL, 2009, p. 75).

Volóchinov (2017) destaca que um sentido definido e único é uma propriedade que pertence a cada enunciação como um todo, sendo que é esse sentido da enunciação completa que é o seu tema. Por isso, o tema deve ser único e, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável, expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação. Todo enunciado, mesmo que composto pela mesma frase tem um sentido diferente cada vez que é produzido, tendo, portanto, um outro tema, que depende da situação histórica concreta em que a enunciação é pronunciada. O tema designa, então, como aponta Sobral (2009) os sentidos nascidos na interação e representa os verdadeiros sentidos da linguagem, concretos e dinâmicos, demonstrando que nenhum significado é fixo, já que novos contextos criam novos sentidos e, conseqüentemente, novos temas. Concluindo:

o tema do enunciado é definido não apenas pelas formas linguísticas que os constituem - palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entoação -, mas também pelos aspectos extraverbais da situação. Sem esses aspectos situacionais o enunciado torna-se incompreensível, assim como aconteceria se ele estivesse desprovido de suas palavras mais importantes. O tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual ele pertence. O enunciado só possui um tema ao ser considerado um fenômeno histórico em toda a sua plenitude concreta. É isso que constitui o tema do enunciado. (VOLOCHIVOV, 2017, p.228)

O tema de um enunciado é, na essência, irreduzível à análise, não podendo ser segmentado, uma vez que deve ser tomado em sua ligação inseparável da situação histórica em que é pronunciada. A significação, ao contrário, pode ser analisada em um conjunto de significações ligadas aos elementos linguísticos, pois se compõe das significações de todas as palavras que fazem parte da enunciação, das suas formas morfológicas e sintáticas, das entoações afirmativas, interrogativas etc., fazendo da significação o aparato técnico para a realização do tema.

Desse modo, não se pode traçar uma fronteira entre a significação e o tema, pois um não existe sem o outro, ou seja, não há tema sem significação, assim como não há significação sem tema. É impossível determinar a significação de uma palavra isolada, sem que ela esteja em um enunciado concreto e, por isso, elemento de um tema. Por outro lado, “o tema deve apoiar-se em alguma significação estável; caso contrário, ele perderá a sua conexão com aquilo que veio antes e que veio depois, ou seja, perderá totalmente o seu sentido.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 229). Por isso, a significação de um elemento linguístico só se dá na sua relação com o todo, sendo que, se essa relação deixa de acontecer, a significação é perdida. Daí que não é possível traçar um limite claro e absoluto entre o tema e a significação.

Segundo Cereja (2005), os elementos estáveis da significação participam da construção do tema, mas, para que este se estabeleça, são necessários também os elementos extraverbais que integram as situações de produção, circulação e recepção das enunciações, já que elas são a expressão de uma situação histórica concreta. Desse modo, o “instável e o inusitado de cada enunciação se somam à significação, dando origem ao tema, resultado final e global do processo da construção de sentido”. (CEREJA, 2005, p. 202). Resulta disso que a significação não será algo fixo, já que o tema, que sempre será único e irrepetível, se incorpora à significação, tornando o sistema flexível, mutável e renovável. Portanto,

enquanto a significação é por natureza abstrata e tende à permanência e à estabilidade, o tema é concreto e histórico e tende ao fluido e dinâmico, ao precário, que recria e renova incessantemente o sistema de significação, ainda que partindo dele. Se a significação está para o signo - ambos virtualidades de construção de sentido da língua -, o tema está para o signo ideológico, resultado da enunciação concreta e da compreensão ativa, o que traz para o primeiro plano as relações concretas entre sujeitos. (CEREJA, 2005, p. 202)

Para Volóchinov (2017), só a compreensão ativa permite apreender o tema, uma vez que, para a compreensão da enunciação de outrem, é necessário orientar-se em relação a ela, buscando compreendê-la no contexto em que é proferida, em um processo interativo em que cada palavra da enunciação faz ressoar, como uma réplica, a resposta ativa do interlocutor, das suas palavras, da sua compreensão. Desse modo,

cada elemento semântico isolável do enunciado, assim como o enunciado em sua totalidade, é traduzido por nós para outro contexto ativo e responsivo. Toda compreensão é dialógica. A compreensão opõe-se ao enunciado, assim como a réplica opõe-se a outra no diálogo. A compreensão busca uma antipalavra à palavra do falante. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 232)

Confirma-se, portanto, que a significação não pertence a uma palavra isolada, e sim a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, no processo de compreensão ativa e responsiva, como efeito da interação do locutor. Ou seja, não é possível se definir o sentido de uma palavra por si só, ignorando o tema, que só é acessível em um ato de compreensão ativa e responsiva. Fazer isso é ficar apenas no seu valor inferior, sempre estável e idêntico a si mesmo, ignorando que a multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra. Assim,

O conceito de tema como designação dos sentidos nascidos da interação dialógica, os verdadeiros sentidos da linguagem humana, porque concretos, dinâmicos, se estende à própria história da língua, ao mostrar que nenhum significado é fixado de uma vez por todas, porque novos contextos criam novos temas, mesmo partindo de significações remotas. Ele mostra como, para o Círculo, a língua é um sistema dinâmico, não um repertório estático de palavras dicionarizadas e de construções eternas; a própria significação, o núcleo básico essencial da língua, se altera a partir dos contextos em que é mobilizada por vários temas em vários contextos possíveis. (SOBRAL, 2009, p. 76)

No entanto, segundo o mesmo autor, esses contextos não são ilimitados, pois o mundo concreto é semiotizado a partir de vários recortes ideológicos da realidade, que, como resultam do agir humano, são naturalmente limitados. Dessa forma, conforme Sobral e Giacomelli (2015), o acesso ao mundo só se dá a partir de certos valores, ainda que não seja possível desprezar a materialidade do mundo, cuja visão vai sendo alterada pelas maneiras como as pessoas o vivenciam, ou seja, essas vivências vão alterando o modo de ver o mundo, mas não alteram o mundo. Como é impossível ver e representar o mundo de maneira objetiva, fiel, ele é valorado conforme as vivências, o que leva a alterações nos modos de vê-lo à medida em que se tem acesso a outras formas de valoração de outras pessoas, de outros grupos, com os quais sempre se estabelecem relações dialógicas. Desse modo,

A interação é o local de realização de atos verbais que remetem (retrospectivamente) a enunciações anteriores e (prospectivamente) a enunciações ulteriores, possíveis e imagináveis, e, assim, também a outras interações. O retrospectivo e o prospectivo têm como ponto de referência o texto efetivamente enunciado, realizado, a partir de outros enunciados constitutivos. Toda e qualquer enunciação, toda e qualquer interação, numa rede de interlocução em constante fazer-se, constitui uma rede que abrange os vários momentos sociais e históricos constitutivos da interação/enunciação, não se reduzindo, portanto, a situação imediata. Por outro lado, o sentido, na interação, é um constante vir a ser, uma constante construção, pois cada diálogo recria significados de outros diálogos, assim como antecipa de algum modo diálogos possíveis mas ainda inexistentes. (SOBRAL e GIACOMELLI, 2015, p. 217).

De acordo com os autores, todo dizer envolve o conteúdo e o processo mesmo de enunciar, unidos pela entoação avaliativa, na qual o enunciador avalia o seu ato de acordo com a situação de interação, que envolve, além do seu projeto de dizer, a resposta ativa do interlocutor. Assim, a representação do mundo é sempre alterada pelo agir situado e valorado do sujeito, o que dá sentido a esse mundo a partir da sua vivência. Isso determina que a mediação é vital para que o mundo chegue à linguagem e aos sujeitos:

Em outras palavras, ao apreender unimos o processo de realização concreta do ato, em seu aqui e agora, e a organização do conteúdo do ato. A organização do conteúdo só faz sentido diante da realização concreta, mas é essa organização que constitui o plano de apreensão do resultado do ato. Esse resultado é o material por meio do qual reconstituímos o processo (no caso da linguagem, os enunciados). Mas ele não se restringe ao conteúdo do ato, pois envolve a forma, ou o modo de organização do conteúdo (em termos de linguagem, a forma do conteúdo. Assim, cada apreensão (ou enunciação) é um ato que envolve um processo, de cunho

irrepetível, que gera um produto segundo formas repetíveis, mesmo que mutáveis. (SOBRAL e GIACOMELLI, 2015, p. 212)

Para o Circulo, segundo os autores, são os dois planos metodológicos que podem explicar a mediação do mundo via linguagem, um mais geral, ligado a descrição geral do ser e do seu agir, e outro mais específico, incidindo sobre a interação verbal. A eles estão associados os conceitos de significação e tema. Ou seja, “para essa concepção, o ser e o agir do sujeito no mundo são desde sempre uma constante polêmica (embate, tensão sustentada) entre o repetível e o irrepetível, o mesmo e o outro, a significação e o tema, eu e outro.” (SOBRAL e GIACOMELLI, 2015, p. 212).

Segundo Volóchinov (2017), as palavras usadas em situações concretas de interação, os enunciados reais, não possuem apenas o conteúdo objetivo do tema e da significação, mas também um acento de valor ou apreciativo. Assim, toda palavra contém uma apreciação social sobre o objeto referido, que é transmitido através da entoação expressiva. Somente a partir dessa entoação expressiva é que o tema da enunciação se realiza completamente. Em uma camada mais evidente, a avaliação social pode ser expressa pela entoação expressiva definida pela situação imediata de interação, muitas vezes efêmera, pois liga à concretude a enunciação, não precisando, por isso, de sua composição semântica, já que, muitas são palavras/expressões de uso puramente entonacional para expressar a avaliação. No entanto, nem todos os julgamentos de valor são como esses, como alerta o autor:

A avaliação social tem uma enorme importância, mesmo em um enunciado com um sentido mais amplo e apoiado em um vasto auditório social. Apesar de essa avaliação não ser expressa adequadamente por meio de uma entoação, ela determinará a escolha e a ordem de todos os principais elementos significantes do enunciado. Não existe um enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo, uma orientação avaliativa. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa mas também avalia. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 236)

Desse modo, muito do sentido de uma enunciação decorre da apreciação. Mesmo que a entoação não possa traduzir totalmente o valor apreciativo, é este que orienta a escolha e a distribuição de sentido. Ou seja, a significação deve-se à apreciação, que é justamente a responsável pelas mudanças de significação, na medida em que são uma reavaliação, em que há deslocamento de uma palavra de um contexto apreciativo para outro. Para o autor, a “formação do sentido na língua

está sempre relacionada com a formação do horizonte valorativo do grupo social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 237), o que indica que a avaliação social é que permite a compreensão histórica do tema, das significações que o realizam.

Segundo Stella (2005), as entoações são os valores atribuídos ao que é dito e correspondem a sua avaliação da situação pelo locutor posicionado historicamente frente ao seu interlocutor. O falante, ao dar vida à palavra com sua entoação, dialoga diretamente com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista em relação a esses valores. São esses valores que devem ser entendidos, apreendidos e confirmados ou não pelo interlocutor. A palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva.

2.1 Em direção à análise: parâmetros metodológicos

Nesta seção, versaremos sobre os procedimentos metodológicos norteadores da pesquisa, cuja base teórica é Análise dialógica do discurso, fundamentada nos pressupostos do Circulo de Bakhtin e que não fixaram uma categoria fechada de normas e procedimentos para o tratamento do discurso, mas princípios e direcionamentos para tal abordagem metodológica. Dentre as obras do Circulo citadas nos trabalhos sobre a metodologia na ADD, a que mais se destacou foi Marxismo e filosofia da linguagem de Volóchinov.

Apresentada em estudos de Brait e Sobral, a proposta procedimental analisa o enunciado concreto e, para tanto, sugere as seguintes etapas: descrição, análise e interpretação, que não necessariamente, precisam seguir essa ordem. Essa organização visa pensar o procedimento analítico em concordância com o que Volóchinov aponta como:

[...] a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua deve ser a seguinte: 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 220).

No entanto, é importante pontuar que as obras do Circulo não apresentam uma metodologia pronta, mecânica e acabada, com categorias de análise, de modo

que, a cada enunciado, é preciso que o pesquisador estabeleça seus próprios critérios, em função do seu objeto de estudo e do que é colocado pelo texto. Nesse sentido, Brait (2016) aponta ainda que uma característica importante da ADD é a de não aplicar a teoria com o propósito da compreensão de um enunciado, e sim permitir que eles revelem, a partir das relações dialógicas, suas próprias formas de produção do sentido.

Conforme Sobral (2009), o sentido do texto não está dado em sua superfície, mas sem esta não existe, partindo de sua mobilização por um discurso organizado em um gênero. Pontua, ainda, que devemos lembrar que todo enunciado tem um autor, e que conforme Volóchinov “socializa seus sentimentos”, deixando sua “assinatura” pessoal, inalienável, sua falta de álibi, não deixando de ser permeado por questões internas e externas, afetado pelo outro e movido pelo inconsciente.

Ainda nesse sentido, a teoria defende que, o individual nunca existe por si, sendo tudo social, ou seja, dialógico, já que todo enunciado responde a vozes passadas e futuras, surgindo no seu entrecruzamento. A forma como um discurso é produzido tenta prever reações, entender o que o interlocutor já sabe sobre o que ele pretende enunciar, tudo que ele já ouviu sobre aquilo e mobilizará seu dizer nessa relação. Além disso, levará em conta, na enunciação, a hierarquização, familiaridade, amizade, gênero, dentre outras questões possíveis entre os interlocutores. Desse modo,

A interação entre dois interlocutores envolve a sociedade e a história, ou seja, suas posições sociais ao longo do tempo, suas diferentes posições sociais (pai-filho, professor-aluno, chefe-chefiado, pessoa de classe alta ou baixa, por exemplo) e suas relações sociais, não apenas entre si no momento da interação, mas ao longo da vida, com outras pessoas, em diversos ambientes. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p.1082).

Vemos, portanto, que, para Bakhtin, a língua é de cunho social, estando fundamentada nas necessidades e nos contextos da comunicação humana, gerando sentidos através das interações de comunicação. Logo, a teoria propõe diferentes níveis que devem ser considerados no decorrer da análise, a partir disso:

Em um primeiro momento, iremos descrever (ver) o objeto concreto relacionado à sua materialidade linguística e características enunciativas, trazendo dados sobre a página do site de rede social em que circula o post, como, circulação e recepção dos enunciados concretos do corpus, alcance, número de comentários, princípio, objetivo, público-alvo e observação da esfera de produção, aliados aos

gêneros do discurso no qual se inserem, pois, “ao descrever, o analista explora a unidade de seu objeto em sua materialidade composta pela camada linguística e a enunciativa” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016).

Na segunda etapa, procederemos à observação da relação entre as duas partes, material e enunciativa, elementos contextuais em que são conhecidos os possíveis papéis sociais dos interlocutores e suas relações - social e histórico. Este nível abrange ambientes em que há interações sociais (família, amigos, escola) que levarão em consideração as exigências daquele determinado espaço. Desse modo, é preciso, para a ADD, que sejam observados os níveis sociais e históricos que envolvem a situação enunciativa, de forma que as culturas, os períodos da história, os grandes marcos da humanidade, o conjunto do “clima” intelectual e cultural do mundo na época em que acontecem, as características do gênero e do assunto em questão, de modo a servir de base para identificar os sentidos criados.

Sendo assim, partindo do enunciado/discurso efetivamente produzido, considerado como evento irrepetível em relação com as formas repetíveis, atuações particulares, buscaremos, então, utilizar parâmetros para mostrar que todo texto é mobilizado por um dado discurso e se a apresenta em um gênero, fazendo sentido articulado a sua imersão discursiva e genérica da relação entre o projeto enunciativo, as modulações do projeto enunciativo, ao longo de sua realização e o produto final. Para chegar a isso, é preciso entender que

A enunciação deixa nos enunciados marcas que são tanto materiais (marcas linguísticas) como da ordem do sentido (marcas enunciativas). As marcas da ordem da língua, da estabilidade, são um dos planos considerados, dado que todo estudo do discurso as leva necessariamente em conta, não se restringindo, porém, sob pena de parcialidade, nem aos tipos relativamente estáveis de enunciados que constituem os gêneros de discurso, nem aos elementos extra-verbais de mobilização da textualidade dos discursos para a criação de sentidos - e que estão inscritos em sua própria estrutura. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2018, p. 310)

Assim, parte-se, da materialidade do texto a ser analisado, em direção a discursividade e à genericidade, perpassadas por relações sociais e históricas, a fim de que se compreenda o interesse e os modos de endereçamentos significativos para a realização do que foi pretendido, procurando analisar o projeto enunciativo do locutor, bem como o que o permitiu e o amparou para a execução, para, “[...] que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir do ponto de vista dialógico, num embate” (BRAIT, 2006a, p. 24). Além disso, é imprescindível que o analista

utilize a teoria dialógica de modo a explicar o objeto e não o encaixar ao seu “querer”, é preciso que a descrição possa “falar” por si.

Nesse caminho, o analista deve, numa conduta dialógica com o objeto, descobrir a “via” para melhor atender às suas necessidades analíticas. Nesse sentido, Brait ressalta a relevância desse tipo de análise:

[a] pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem e do compromisso ético do pesquisador com o objeto que, dessa perspectiva, é um sujeito histórico (BRAIT, 2006b, p. 61).

Assim, atingindo uma das possibilidades de interpretação, o terceiro parâmetro, e, expondo o sentido observado a partir da análise percorrida na junção entre a materialidade do objeto relacionado e o ato enunciativo. De forma que, o analista não deve se colocar na posição de interlocutor, já que, de fato, não é. Ao invés disso o analista deve verificar como são estabelecidas as relações entre locutores e interlocutores com base nesses passos sugeridos pela teoria, evitando que ele se leia no texto.

Nesse sentido, a interpretação, irá se atentar a elementos contextuais, considerados a partir das duas etapas anteriores, que permitirão observar os possíveis temas oriundos da situação de comunicação.

Sendo assim, ao analisar um enunciado, deve-se ir além da sua possibilidade de avaliação material, atentando-se também para os elementos que são fatores externos importantes para entendê-lo, pois eles não servem apenas para explicar o enunciado, pois são aspectos constitutivos do todo que cria sentidos. Para Brait:

Nesse ponto, fica explicitado, como já estava indiciado em *Marxismo e filosofia da linguagem* o fato de que a abordagem do discurso não pode se dar somente a partir de um ponto de vista interno ou, ao contrário, de uma perspectiva exclusivamente externa. Excluir um dos polos é destruir o ponto de vista dialógico, proposto e explicitado pela teoria e pela análise, e dado como constitutivo da linguagem. (BRAIT, 2006, p. 59).

A autora explica que o trabalho metodológico, analítico e interpretativo da teoria dialógica propõe a possibilidade de pormenorizar campos semânticos, descrever e analisar organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam os discursos e apontam sua heterogeneidade constitutiva, assim como as dos sujeitos situados.

Diante disso, para o pesquisador é a relação dialógica com o objeto, entre as vozes presentes e as relacionáveis com o enunciado, que possibilita a compreensão dos sentidos de um enunciado concreto. Nunca esquecendo que todo enunciado carrega consigo a expressão, o tom avaliativo que o seu locutor assimila e reelabora, portanto, nenhum dizer é descompromissado, os discursos produzidos estão sempre ligados aos interesses de quem os produz. Logo, como já vimos, nenhum enunciado é neutro. Assim:

Não há locutor que diga algo com total imparcialidade, porque dizer algo sempre parte da realidade da pessoa, de sua vida, de suas experiências, revelando sua posição, tanto sobre um dado assunto como a posição que ela ocupa da coletividade (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p.1083).

Desse modo, os signos, para a ADD, são ideológicos, não em perspectiva de falsa consciência, mas sim na de uma utilização a partir de posições de um indivíduo no mundo, sempre relacionadas ao social e histórico. No entanto, quem diz algo, tem um propósito, um projeto, um objetivo, e realizará, conforme propõe a teoria, um tema. Desse modo,

Ao dar primazia ao tema com relação aos significados cristalizados, tanto na constituição como no próprio vir a ser dos sentidos, Bakhtin demonstra que o sentido depende por inteiro do contexto, e que esse contexto de modo algum se esgota na situação imediata. Isso não exclui de modo algum o sistema linguístico enquanto tal, nem os processos cognitivos envolvidos, mas busca ir além deles, integrando-os. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2018, p. 312).

Sendo assim, um texto observado fora da sua discursividade e genericidade permitirá perceber, como demonstra a teoria, uma série de formas da língua, sob o viés material, distante dos termos semióticos e do sentido constitutivo e sempre interpelado por um gênero. De acordo com Sobral:

Resumindo, percebe-se que a ênfase é sempre dada aos processos e não aos resultados, ao concreto e não ao abstrato, à interação e não às intenções subjetivas de um sujeito extra-social e extra-histórico, à organização dos textos por um sujeito situado e, portanto, que as altera de acordo com a situação. (SOBRAL, 2009, p.163)

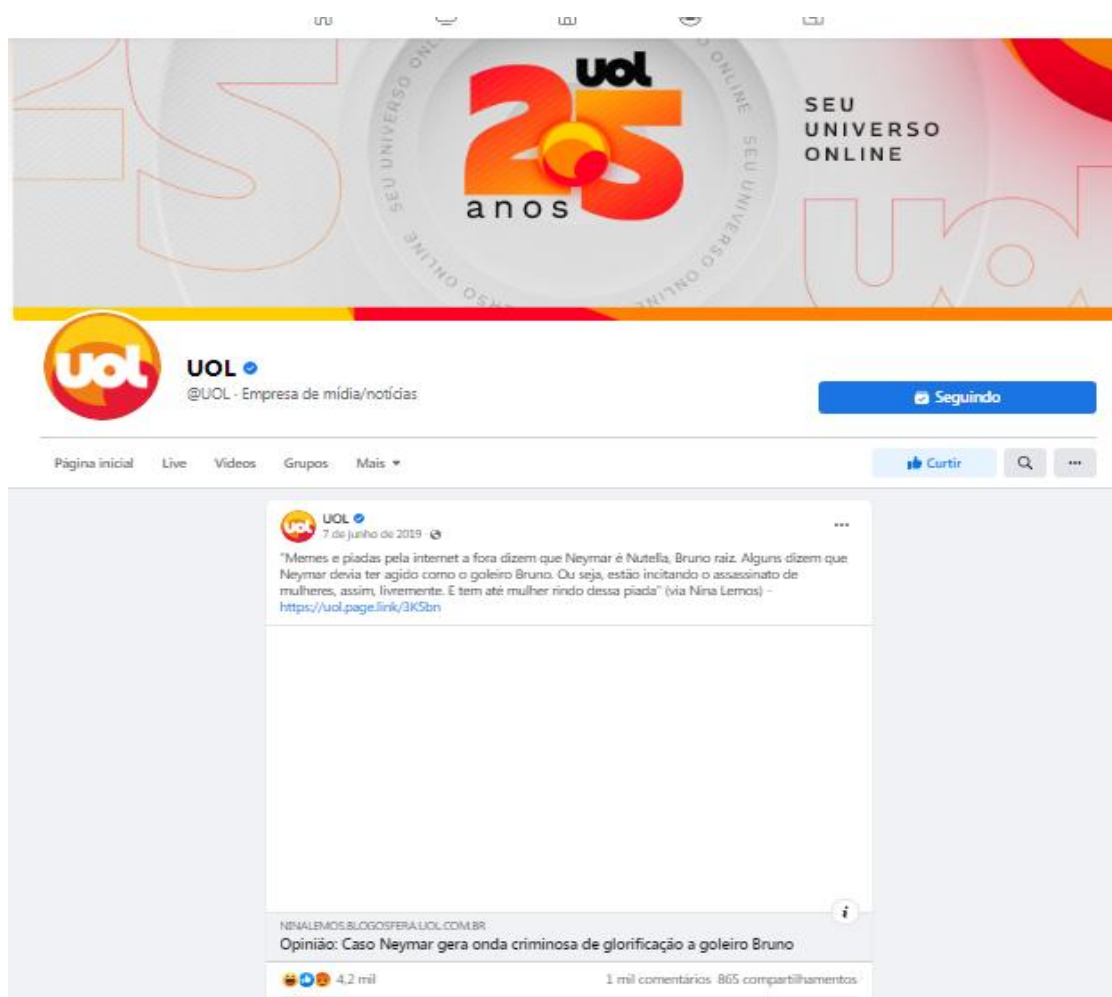
Sob esse aspecto o autor nos diz ainda que enfatizar os processos não quer dizer desprezar o produto, uma vez que é o produto que permite

verificarmos as marcas do processo, o qual possibilitará perceber o sentido do discurso.

No entanto, no procedimento analítico da ADD, as categorias de análise são mobilizadas a partir do que o corpus irá revelar e sugerir na abordagem delas. Com isso, cada objeto possibilitará uma metodologia, ou seja, para cada um existirá uma abrangência, aprofundamento e perspectiva teórica diferentes, sendo missão do pesquisador, em diálogo contínuo com o objeto, decidir a respeito dessas questões.

3. ANÁLISE

Na figura abaixo apresentamos o post com o a notícia intitulada "Memes e piadas pela internet a fora dizem que Neymar é Nutella, Bruno raiz. Alguns dizem que Neymar devia ter agido como o goleiro Bruno. Ou seja, estão incitando o assassinato de mulheres, assim, livremente. E tem até mulher rindo dessa piada" (via Nina Lemos).



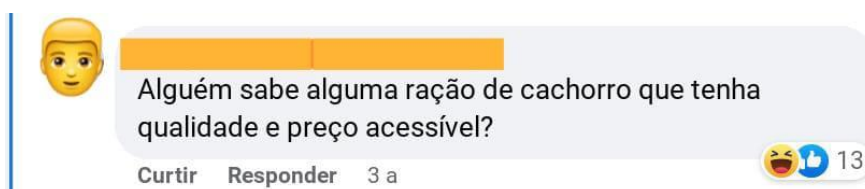
A partir dessa publicação da UOL no Facebook, foram escolhidos, para a análise, enunciados que pretendem um efeito de humor, comparando os dois jogadores ou criticando quem se opõe à prática de fazer piada sobre crimes contra a mulher. Eles foram organizados em três blocos, divididos de acordo com suas características discursivas, possuindo até 4 (quatro) comentários analisados cada:

3.1 Bloco 1: Enunciados que pretendem fazer humor utilizando tópicos que relacionam os casos do goleiro e do jogador Neymar

Um recurso bastante utilizado para discursos humorísticos são as figuras de linguagem, recursos expressivos empregados para gerar efeitos nos discursos, ampliando a ideia que se pretende passar e que não seria possível com o uso literal das palavras, formas de expressão que se diferenciam da linguagem denotativa. Elas dão ao texto um sentido que vai além do significado literal, portanto permitem uma plurissignificação do enunciado. Ao empregar uma figura de linguagem, o enunciador possibilita uma interpretação para o seu enunciado que extrapola a significação convencionada, aquela do dicionário, ou mesmo associada a uma leitura literal dos fatos, uma vez que, a criatividade humana permite uma comunicação fluida. Esses recursos, então, permitem dar o efeito expressivo desejado.

Nos próximos enunciados, veremos de que modo palavras como “ração”, “nuttela”, “raiz”, “cachorro” e “macarrão” foram empregadas em sentido figurado, relacionando os casos de Neymar e de Bruno:

Enunciado 1:



Esse enunciado, que responde ao post noticiado pela Uol, foi escrito por um perfil masculino, gerou 14 réplicas, sendo 13 reações – que são opções de resposta com emoji que incluem - Gostei (Like), Amei, Ha-ha, Uau, Grr (Zangado) e Triste, indicando como ela se sente quanto ao conteúdo de uma publicação ou anúncio e que ajudam a diferenciar o Facebook de outras plataformas sociais, ao comentário gerou também uma resposta – recurso que tem como objetivo melhorar a conversa entre os usuários desse site de rede social. Com ele, os leitores podem interagir diretamente com outras pessoas e manter a troca de mensagens direcionada a elas.

Ele está organizado em forma de pergunta, que se pode interpretar como pretendendo ser sarcástica/irônica, pois, a partir do conhecimento do caso do goleiro Bruno, a vítima Eliza Samúdio, segundo indica o inquérito, teve partes do seu corpo oferecido como alimento aos cães do sítio. Desse modo, a palavra “ração” remete

diretamente a um caso de feminicídio, uma violência extrema contra mulheres. No enunciado, ainda se alude à necessidade de que ela seja de “boa qualidade” e de “preço barato”, propondo-se a fazer humor com o fato de os cachorros terem sido alimentados com o corpo dessa mulher, “produto de excelência”. Isso se deve ao fato de que, nesses casos, sempre são mulheres consideradas bonitas, o que remete para um “atributo” daquelas que se envolvem com jogadores de futebol, alcunhadas como “marias-chuteiras”. Nesse caso, então, relaciona-se a ração para animais com a mulher, produto de consumo de homens com visibilidade, que a têm ao seu dispor.

Como as palavras aceitam/expressam diferentes valorações, é partir da escolha dessas palavras que o indivíduo, demonstra sua visão de mundo, num processo de reflexo e refração do referente, isto é, do tópico de que está falando, permitindo compreender, com o tema que realiza, o sentido que dá ao que fala. Assim, ao mesmo tempo em que repete, em seu discurso, que utiliza como estilo do enunciado uma pergunta, uma fala machista, relativa às mulheres que se envolvem com jogadores de futebol e a mulheres como produto de consumo, revela todo o preconceito social em torno desse tópico, esse comentário também colabora para que esse modo de pensar continue como válido e seja repetido por outros homens. Com isso, constrói-se e se consolida uma visão de mundo que objetifica e desqualifica a mulher.

O locutor, na elaboração do seu projeto enunciativo, demonstra que, quando utiliza o tópico “mulher” equiparado à ração, a vê como algo a ser consumido, comprado e descartado conforme o desejo do comprador, ou seja, daquele que paga, de quem tem dinheiro, expressando uma valoração que tem como proposta objetificar o corpo feminino e torná-lo descartável, de modo que essa vida feminina sirva apenas para atender aos seus desejos.

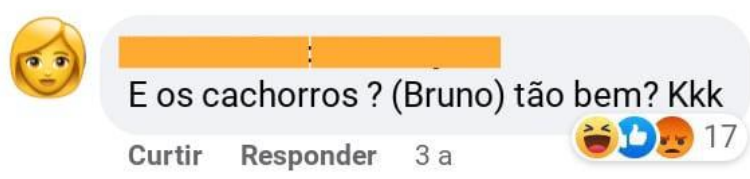
Trata-se de um comentário que banaliza a morte dessa mulher e sugere que esse tipo de crueldade seja natural ou até mesmo engraçado. Ao pretender fazer uma piada com o assassinato da modelo vemos que, com o tópico utilizado (ração para cachorros), o locutor está realizando, como tema do enunciado, a banalização da violência contra a mulher, fato que nada tem de engraçado.

Sendo assim, o enunciado aqui analisado é um dizer ligado a um lugar social machista e misógino, que percebe a mulher como inferior, como algo descartável, que pode facilmente ser torturado e jogado para servir de alimento aos animais.

Remontando a um discurso que vê o papel social da mulher no Brasil vinculado à subalternização, a um sistema patriarcal, retrógrado, que dá permissão ao homem fazer o que quiser com esse corpo, banalizando, assim, a violência de gênero.

O que se vê nesse comentário, portanto, é um discurso responsivo a isso e que suscitará outras respostas nesse mesmo sentido, numa cadeia de enunciados que, mais do que expressar uma visão pessoal do assunto, expressam e constroem uma posição social.

Enunciado 2:



Esse comentário, que também responde ao post, foi dito por um perfil feminino e gerou 17 réplicas todas em modo de reações.

Aqui a locutora faz, inicialmente, uma indagação utilizando a palavra “cachorros” e, em seguida, entre parênteses, enfatiza que a pergunta é direcionada ao goleiro acusado que ser mandante do assassinato da modelo. Ela, provavelmente, usa esse nome para levar quem conhece o caso a identificar de que cachorros está falando, não como um vocativo. Seu interlocutor não é, portanto, o jogador de futebol, mas os leitores da postagem que estão cientes do crime que ele praticou e o modo como o fez.

Vê-se ainda que, com a sequência do questionamento, a preocupação é com os animais, porque ela quer saber se eles estariam bem após terem se alimentado de um a corpo considerado indigesto, e também para novamente comer outro corpo de outra mulher, a locutora termina seu comentário com o ícone de risada (“kkk”) reforçando o objetivo humorístico. A relação com o caso parece indicar, então, qual deve ser o destino de uma mulher que se envolve e tenta “dar um golpe” em um jogador de futebol famoso, prática da qual foram acusadas as duas mulheres, Eliza e Najila. Ao enunciar esse tópico, o que se pretende recuperar é um castigo “exemplar” a mulheres como essas.

O fato de ter sido enunciado por uma mulher demonstra como o machismo, especificamente aqui, a desqualificação da violência contra a mulher, é assumido na

sociedade como um todo. É uma mulher respondendo a uma possível situação de violência com alusão a uma situação de violência real e comprovada. Seus interlocutores são também outras mulheres, demonstrando assim, pertencer a grupo social que valora a vida feminina como algo banal, com desprestígio.

Desse modo, ao enunciar, seu dizer está repleto de outros dizeres que são assumidos e atualizados por ela e que reverberarão em outros discursos. Na perspectiva dialógica trata-se da heterogeneidade axiológica materializada no discurso, formando uma espécie de teia dialógica. Assim, os enunciados se renovam, acompanhando o desenvolvimento social. A autora certamente avaliou seus possíveis interlocutores, e isso permitiu que ela utilizasse do tópico “cachorros” para construir seu dizer, ou seja, se antecipou ao fato de que as pessoas que ali estavam interagindo sabiam da referencia que ela estava fazendo (ao fato de que o corpo de Eliza pode ter sido oferecido aos cães como alimento), com isso, a partir do estilo escolhido, teve a intenção de fazer uma piada com o caso, assumindo não se importar com o fato de uma pessoa do mesmo gênero social que ela tenha sofrido uma violência tão cruel.

No entanto, conforme nos propõe a teoria bakhtiniana, o tema do enunciado não pode ser equiparado a assunto, estando então relacionado ao sentido ou sentidos estabelecidos na enunciação, sendo resultado de uma situação social/histórica concreta que originou essa enunciação. Portanto, embora o projeto enunciativo da locutora tenha como objetivo fazer uma piada, relacionar os dois casos, mostra que o que ela realiza não é um texto humorístico, pois não é compreendido por todos os interlocutores do comentário desse modo. Ao menos as duas reações grrr indicam que há quem não tenha gostado do que leu. Se não podemos ler sempre os emojis de uma mesma forma, visto que eles mudam em função dos grupos sociais que os usam, é possível, no entanto, compreender que, usualmente em nosso país, este indica raiva. Esse sentimento é uma reação suscitada por uma tentativa de brincadeira com um assunto que não pode ser assim tratado. Brincar com situações de violência contra a mulher é normalizar esse fato como algo corriqueiro.

Enunciado 3:



Esse enunciado foi dito por um perfil feminino e recebeu 186 réplicas, sendo 96 haha, 51 gostei, 15 grr, 1 uau e 1 triste e 15 respostas.

Teve como materialidade discursiva a verbo visualidade, nele a relação dialógica é de concordância com outros comentários os quais dizem que Nájila deveria ter conhecido o articulador e principal envolvido no assassinato de Eliza Samúdio, sugerindo que deveria ter acontecido com ela o mesmo que aconteceu com a mãe do filho do Goleiro Bruno. Determinante para compreendermos esse dizer é interpretar a relação que se faz entre os dois casos através da utilização do tópico discursivo “macarrão”, já que esse é o apelido do amigo mais próximo de Bruno que foi peça essencial na articulação do crime. Esse dizer recebe, além desse tópico, a utilização de emojis que configuram risos e que podemos entender como um deboche.

Ao elaborar seu enunciado, aquele que pretende dizer algo, considera que ele (o enunciado) é direcionado a alguém na interlocução, o que o leva a tentar antecipar a possível resposta de seu interlocutor, que pode ser imediata – em uma situação de interação face a face – ou postergada – no caso, por exemplo, de um texto escrito. Mas, em qualquer um dos casos, qualquer enunciado prevê possíveis interlocutores e sempre suscita uma compreensão responsiva ativa.

No caso desse enunciado, a locutora considerou que existem várias pessoas que já se posicionaram a favor das “piadas”, já que inicia seu dizer com o advérbio também, enfatizando a condição de concordância com a violência e, a partir disso, projeta seu enunciado para além, afirmando que a modelo envolvida no escândalo com o jogador Neymar deveria conhecer um dos homens mais envolvidos no assassinato de Eliza. Entende-se com isso que ela pretende “brincar” ao relacionar os dois casos, indicando que o desfecho do caso anterior deveria ser o mesmo desse, ou seja, que ela seja assassinada cruelmente. Comprova-se a tentativa de

“piada” com os emojis, que buscam dar ao enunciado o efeito de sentido de ser engraçado.

No entanto, ao elaborar um dizer que responde à notícia e também aos outros enunciados que responderam da mesma forma buscada por esse enunciado, o que se vê é uma maneira de minimizar a violência contra a mulher, colocando como tópico “engraçado” conhecer um assassino que, a mando de um outro homem que se sentiu enganado por uma gravidez não planejada, sequestrou e matou de forma cruel a modelo.

Assim, pode-se perceber que há nesse discurso, que se pretende humorístico, uma banalização da violência e até mesmo se poderia pensar em uma incitação, já que a pessoa que enuncia afirma que a modelo Nájila deveria conhecer um dos principais articuladores da morte brutal de Eliza. Ou seja, é possível perceber que um enunciado que se propõe engraçado faz, na verdade, uma contribuição ao discurso de incitação à violência/morte de mulheres. Há também de se perceber a banalização dessa prática, como se pudesse ser corriqueira, normalizando o ato, pois traz o sentido do humor através dos emojis. Além disso, as expressivas 96 reações de haha mais as 51 curtidas, demonstram respostas de apoio ao enunciado, contribuindo assim para a possível aceitação do humor.

Enunciado 4:



Esse enunciado foi dito por um perfil feminino e teve 17 réplicas, ou seja, reações que se configuram como uma resposta aos que fizeram essa comparação.

Nesse recorte, pode-se observar que o tópico discursivo utilizado para comparar os casos de Neymar e Bruno recorre a um meme bastante utilizado na internet, no qual se faz uma oposição entre aquilo que seria uma tradição, e, portanto autêntico – raiz – e ao que mudou, se flexibilizou, se “gourmetizou – Nutella, referindo à famosa marca de creme de avelã. É um enunciado verbo visual que apresenta em sua composição emojis de espanto e de risos.

Tem-se ainda, nesse dizer, que a pessoa que inventou essa comparação deve ser premiada com um Oscar (prêmio para quem trabalha e se destaca no cinema). A locutora finaliza a composição do seu enunciado com emojis de risada, ilustrando o tom de humor que intenciona dar ao seu enunciado.

As palavras Raiz e Nuttela são recorrentes na internet para enaltecer quem age de forma rústica e desacreditizar ou debochar de quem é considerado “fresco”. Nesse enunciado são tópicos que permitem que se perceba a aceitação do humor dado pela locutora, que demonstra assim uma ideologia que difunde um posicionamento a favor de piadas relacionadas aos casos. Percebe-se então que esses dois tópicos discursivos mobilizam valores ideológicos que, nesse contexto de produção, deixam claro que é possível a aplicação de humor relacionando o crime brutal contra a vida de Eliza ao caso de Nájila Trindade. Desse modo, considerando que cada enunciado é único e irreproduzível e que todo discurso pressupõe necessariamente um autor, entendemos que este, no caso esta, que está em uma relação dialógica com seus interlocutores, possibilita a compreensão da expressividade desse discurso quando considerado todos os aspectos sobre os casos e levando em conta o contexto social e histórico naquele momento. Ou seja, o que os memes que utilizam as expressões Nutela x Raiz representam, mais a representação do papel das mulheres na sociedade e o seu percurso até hoje, permite perceber que o tema de aceitação e promoção de humor por parte da locutora é afirmado através dos tópicos discursivos “Nuttela e Raiz” e reafirmados quando a locutora enfatiza que essa comparação é merecedora de um grande prêmio. No entanto, caso o interlocutor não reconheça a relação entre a expressão popular Nutella x Raiz e o enunciado, não teremos concretizado o ato de compreensão responsiva ativa.

Interpreta-se que essa proposta de dizer torna banal o crime perverso contra a vida de uma mulher, pensando em estar fazendo uma piada, a pessoa que enuncia, faz, na verdade, uma banalização dessa morte. No entanto, remontando-nos aos dados sobre violência contra mulheres no Brasil, podemos entender o problema da recorrência e da réplica de discursos que atuam negativamente, eles banalizam uma vida na tentativa de tornar cômico um assassinato cruelmente executado, contribuindo com a multiplicação dessa visão de mundo, e, conseqüentemente com a violência de gênero.

3.2 Bloco 2: Enunciados que pretender fazer humor enaltecendo o assassino:

O caso de Eliza Samúdio foi amplamente acompanhado pela mídia da época, a mãe do filho de Bruno Fernandes foi duramente criticada em virtude de sua profissão de modelo e atriz (filmes pornô) e por sua conduta na vida privada, uma vez que foi acusada de se prostituir, ao que parece, essas críticas surgem numa tentativa de deslegitimá-la e justificar a violência hedionda que sofrera. Ela até hoje é julgada e difamada, mesmo após a morte, ao passo que, seu feminicida, recebe aplausos e elogios pelo ato criminoso cometido contra ela “no exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais, recebendo autorização ou a tolerância da sociedade para punir o que lhes apresenta como desvio” (SAFFIOTI, 2001). Nota-se que há uma culpabilização dessa mulher que sofreu feminicídio, uma busca por responsabilizar a vítima pela violência sofrida, numa tentativa de encontrar razões que justifiquem esse homem ter agido com violência, como se isso fosse justificável e, ainda, venerável, motivo de condecoração.

Bruno ainda hoje é considerado uma celebridade, no site de rede social *Instagram* possui mais de cem mil seguidores, percebe-se, inclusive, a partir dos comentários desse corpus, ser tão admirado pelo crime que cometera quanto pelo desempenho no esporte.

Enunciado 1:



Esse enunciado, que foi dito por um perfil masculino, teve 11 réplicas, sendo 10 em modo de reações e 1 em modo de resposta ao comentário, ele responde ao post da notícia.

Esse locutor também compara os dois casos, com isso, permite a percepção da relação dialógica estabelecida entre esse enunciado e os enunciados analisados

no bloco anterior, pois relaciona as duas “atitudes”, a de Neymar e a de Bruno. Parece, ainda, pretender confirmar, a partir do uso do grau aumentativo da palavra goleiro, a idolatria pelo assassino de Eliza. Esse enunciado é verbo visual, já que além da escrita é composto por emoji de risos, símbolo que nesse caso reforça a tentativa de humor desse dizer.

Vê-se que, conforme a composição do enunciado, há explicitamente uma glorificação a Bruno, marcada pelo estilo do enunciado que traz a flexão da palavra goleiro no aumentativo, indicando, nesse caso, além de um elogio como grande goleiro, um sentido qualitativo, de admiração a sua conduta como homem, o locutor termina sua composição enunciativa com três emojis de risada passando o tom humorístico que pretende. A relação de comparação utilizada como tópico pressupõe então qual deve ser, novamente, o desígnio da mulher que tenta “aplicar um golpe” em um jogador de futebol famoso, aquelas chamadas de “Maria chuteiras” expressão usada como referência para mulheres consideradas muito bonitas que se envolvem com jogadores famosos. Ao enunciar esse tópico, o que se pretende recuperar é um castigo que sirva como molde para mulheres como essa.

Na elaboração do seu projeto enunciativo, ao inserir o recurso linguístico “mina”, expressão/gíria oriunda da palavra menina, vê-se que o locutor coloca a mulher oposta ao aumentativo (goleirão), valendo-se de uma abreviação de menina, projetando uma construção de sentido que a desprestigia. Assim, reforçando um discurso machista, que valoriza um “homem de verdade” como detentor do poder, um “juiz de tribunal”, aquele que determina qual será o destino da “ré”. Ou seja, um dizer que apresenta valores socioideológicos típicos de um discurso que segue a linha do poder dominado por homens. Além disso, vale destacar que, ao passar para o regime semiaberto, Bruno foi convidado a jogar em um time do interior e ao se apresentar no clube foi ovacionado, jubilado, recebido com aplausos, como um reforço positivo ao seu ato criminoso.

Trata-se de um comentário que, ao elogiar o assassino, colabora com a manutenção da banalização da morte de Eliza Samúdio, propondo que esse tipo de atitude cruel possa ser visto como algo natural, admirável e até engraçado. Os enunciados concretos realizam um tema (no caso desse dizer, a pretensão de fazer humor), mas apresenta também um acento de valor, como, nesse exemplo, no uso das expressões “goleirão” e “mina” que demonstram uma admiração por parte do locutor pelo homem e um desprestígio dele com relação à mulher. Desse modo, ao

pretender fazer uma piada com o assassinato de Eliza, vemos que com o tópico utilizado, a comparação, o locutor está realizando, como tema do enunciado, a banalização da violência contra a mulher.

Enunciado 2:



Esse enunciado foi dito por um perfil masculino, responde ao post, teve 80 réplicas, sendo 77 reações do facebook e 3 respostas ao comentário.

Nesse recorte é possível identificar mais uma vez o uso da comparação como estilo do enunciado para fazer a relação entre o escândalo do jogador de futebol Neymar e o caso do goleiro Bruno. A leitura inicial permite identificar a referência a uma expressão popular, “falar de mim é fácil, difícil é ser eu” que costuma ser adaptada para diversas situações. De um modo geral é utilizada para polarizar situações, por exemplo, enaltecer uma pessoa ou atitude e invalidar outra. Refere-se a uma expressão que, num tom humorístico, faz uma crítica a quem não sofre tanto quanto a referência utilizada. No entanto, pode-se perceber, nesse caso, que o locutor deixa claro o fato de tentar minimizar o ocorrido no caso Neymar e enaltecer a atitude do goleiro Bruno, de modo que sua opinião vem de encontro a uma valoração propositora de que a mulher que tentou dar um “golpe” em Neymar e que deveria ter tentado esse “golpe” com alguém como o Bruno, que, sabemos é capaz de planejar uma morte com requintes de crueldade.

Trata-se de um discurso que dialoga com aqueles que entendem que a vida de “mulheres como Nájila” não importam e que a violência que ela relata ter sofrido ser algo positivo/merecido, naturalizando a violência contra a mulher.

Para fazer sua crítica o locutor utiliza dessa expressão reconstruída com outros elementos para dar o tom de brincadeira ao sentido do enunciado. Ao considerarmos o uso da palavra “fácil” relacionando-se a “ir para Paris” (lugar em que Nájila relata ter sido violentada por Neymar), é possível que se perceba, a partir dessa construção enunciativa, a valoração que ele dá ao fato de uma mulher sozinha em outro país, ser violentada, verifica-se, assim, um discurso machista, que

valora a violência contra mulher como algo tolerável e comum de ser vivido. Para o Circulo, o locutor não é dono do seu dizer, no sentido de que esse dizer está sempre interligado a outros dizeres, outras vivências, de tudo que já o perpassou, o que resulta no fato do dizer ser sempre o resultado de relações dialógicas. No entanto, isso não isenta o locutor de sua responsabilidade com o dito, pois, sendo “dono” desse dizer no ato de sua enunciação e permitindo que essa interlocução penetre e ressoe na consciência de seus interlocutores, que, a partir de uma compreensão responsiva ativa, irão assimilar o sentido do enunciado, este vai contribuir para formar uma ideia sobre aquilo e esse indivíduo irá reverberá-la em suas práticas enunciativas.

O homem que enuncia coloca como tópico a comparação entre os dois atletas, numa tentativa de mostrar que há uma diferença entre eles, ou seja, Neymar qualquer um engana, mas o goleiro Bruno, não, esse é mais esperto e pode resolver conflitos com mulheres levando-as para o seu sítio e matando-as, que, ao que se pode perceber para esse locutor, que tem intenção de fazer humor, é o correto a se fazer, quando um homem se sente incomodado por uma mulher. Pelo viés da teoria dialógica, esse enunciado é orientado por um projeto de dizer que, a partir da materialidade discursiva, faz uma relação ao que é fácil e o que difícil, demonstrando uma visão de mundo que minimiza a violência sofrida por quem aceitou um convite de um jogador famoso para ir à Paris quando relacionada por quem foi morta cruelmente a mando do pai de seu filho, pretendendo colocar a violência que não finaliza em morte como algo tolerável, fácil.

Desse modo, ele tem como objetivo fazer humor, a partir da comparação entre os dois atletas, porém, o que faz de fato é colaborar com um discurso que naturaliza a violência contra a mulher. O locutor utiliza como estilo da conclusão do seu dizer o ponto de exclamação, enfatizando, assim, sua afirmação. Apesar de novamente nos depararmos com um comentário que utiliza da relação entre os dois casos para fazer uma piada sobre o assunto, o que se realiza, na verdade, não é um texto humorístico, o que é possível perceber a partir de comentários que surgem se opondo a esse tipo de tentativa de humor.

Enunciado3



pra toda Elisa existe um Bruno . pra todo "moleque Neymar" existe uma Najila...

Curtir Responder 3 a Editado



Esse enunciado, que foi dito por um perfil feminino, responde ao post e teve dez réplicas, todas em forma de reações à postagem do Facebook.

A locutora parece pretender confirmar, a exemplo com o trecho “para todo moleque Neymar” que esse jogador é um menino ingênuo que não sabe fazer a coisa certa, enquanto no trecho “pra toda Eliza existe um Bruno” temos a tentativa de colocar o assassino como homem maduro, que sabe o quê e como fazer.

A partir da escolha linguística utilizada pela locutora temos o estilo do enunciado que foi composto pelo uso de aspas para “moleque Neymar”, já que faz menção a um enunciado que se tornou bem conhecido pelos brasileiros ao ser proferido pelo narrador esportivo Galvão Bueno e ter se tornado um bordão (de referência a Neymar Junior) na locução dos seus jogos e também é composto por reticências ao final do comentário, passando a ideia de lacuna a ser interpretado pelo interlocutor. Desse modo, percebe-se para além da intenção humorística da locutora, a pretensão de, no uso da comparação entre os dois (tópico discursivo desse enunciado), não ter tomado uma medida cruel com relação a Najila que tentou “dar um golpe”, faz do jogador famoso uma pessoa inocente, ingênua, enquanto o Goleiro assassino, um homem de coragem, de atitude, que não “deixa barato”, que mata mesmo. Há, ainda, o uso da alteração da ordem dos elementos na frase, uma proposta de colocar Nájila como tão cruel quanto Bruno, possibilitando entender que a locutora valora tentar enganar um jogador famoso como Neymar Júnior ser tão grave quanto matar uma mulher que está requerendo a pensão de seu filho, nesse caso o locutor utiliza como estilo do enunciado a inversão sintática, de forma a sugerir Neymar como vítima.

As palavras no uso concreto de interação, para a teoria do Circulo, não possuem apenas o conteúdo objetivo do tema, mas também uma acentuação valorativa, que se utiliza, nesse caso, de uma entoação expressiva que permitirá a apreciação pelo interlocutor da valoração dada ao sentido do enunciado, o locutor coloca o jogador Neymar em uma posição de vítima e, ainda, o equipara a situação

da morte de Eliza, deixando evidente a sua posição em relação a situação. Nájila, para ele, é uma golpista que tentou se aproveitar de Neymar, enquanto Bruno é um homem que sabe o que deve fazer ao se sentir confrontado.

No caso desse comentário, portanto é possível constatar que o projeto de dizer do enunciado materializado na sua organização com o uso dos recursos linguísticos concretiza uma ideologia, um modo de ver, que parece demonstrar a admiração por um assassino e o menosprezo pelo jovem que não foi capaz de tomar uma atitude extrema e violenta contra a mulher que ele diz ter tentado lhe enganar. Além disso, coloca o jogador Neymar numa posição de vítima tanto quanto uma mulher que foi assassinada barbaramente. Possivelmente esse tipo de discurso seja legitimado por conta de vivermos em uma sociedade que ainda apresenta situações de domínio do homem em relação à mulher. Sabemos que, apesar de uma tentativa de mudança dessa realidade, os passos para isso são lentos; sendo assim, importante pontuar o quanto discursos como esse contribuem para a perpetuação da prática de violência de gênero social.

3.3 Bloco 3: Enunciados que pretendem fazer humor com comentários que reclamam de não poder fazer piada com esse crime.

O humor é um tipo de conteúdo que está entre os mais acessados na internet. Muitas vezes, as pessoas, cansadas, querem se divertir e quando uma pessoa ri, o organismo libera endorfina, hormônio que promove uma sensação de bem-estar geral. No entanto, alguns memes compartilhados na internet contêm o famoso “humor ácido”, que utiliza temas mórbidos, sérios ou tabus para fazer “humor” ou ainda para chocar, causar desconforto e provocar reflexões sérias sobre questões que normalmente são difíceis de abordar. Esse tipo de humor provoca muitos compartilhamentos e também curtidas nos sites de rede social. No entanto, muitos de seus adeptos, utilizam como discurso de defesa para essa prática, o direito à liberdade de expressão, garantida pela constituição.

Pela perspectiva judicial, o Artigo 19 da constituição brasileira determina que “todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão”. Esse direito prevê que nenhum sujeito pode ser censurado pelas suas opiniões, porém, essa liberdade exige um limite, sendo a própria constituição o órgão limitador. Desse modo,

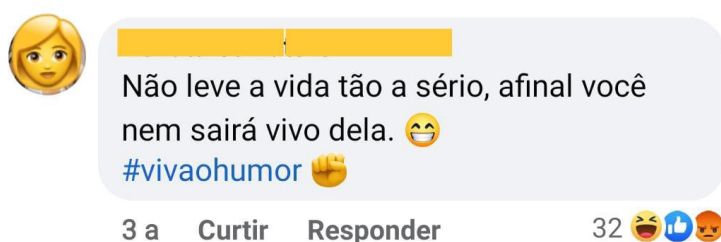
atentando para o Artigo 5º, inciso X, temos o que melhor desempenha essa função limitadora, pelo fato de reforçar que são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas.

Considerando que a evolução digital trouxe o meio de comunicação maior e mais rápido da atualidade: a internet, sabe-se que, por meio dela, as pessoas conseguem trocar informações em tempo real, emitir opiniões, pensamentos, críticas e se expressar das mais diferentes maneiras. Nesse sentido, a internet é um dos principais mecanismos, nos dias de hoje, para o exercício dessa liberdade de expressão.

Porém, devemos nos atentar para o fato de que, se de um lado temos a liberdade de expressão, de outro temos a dignidade da pessoa humana, o direito à vida privada, à imagem e à honra. Sendo assim, essa contraposição possibilita o entendimento de que a liberdade de expressão, apesar de essencial e significativa como meio de garantia e desenvolvimento da nossa democracia, não pode ser utilizada como pretexto para prática de crimes e atividades ilícitas, como discursos que incitam a violência contra a mulher, discursos de ódio contra minorias, difamação, calúnia e injúria ou até mesmo discursos de incentivo ao terrorismo.

Em decorrência disso, vemos os seguintes enunciados sendo facilmente encontrados em sites de rede social, como os desse recorte do *corpus* que iremos analisar a seguir:

Enunciado 1:



Esse enunciado foi dito por um perfil feminino, responde ao post da Uol, teve 38 réplicas, sendo 32 reações do facebook e 6 respostas ao comentário. É um enunciado verbo-visual, uma vez que os emojis compõem o todo do enunciado.

A leitura inicial permite identificar a referência a uma frase atribuída ao filósofo e escritor norte-americano Elbert Hubbard (1856 – 1915) e repetida inúmeras vezes, com variações, desde famosos, como Bob Marley e Jô Soares, até personagens de quadrinhos, como o Coringa. De um modo geral, ela é utilizada para encorajar indivíduos a não se controlarem tanto, não se privarem do que possa, num primeiro momento, parecer inadequado. Trata-se de uma frase cuja significação brinca com o fato de se levar muito a sério as coisas da vida quando o destino de todos é a morte. Ou seja, alguém que se preocupa, considera tudo com seriedade, terá o mesmo destino de quem não faz isso. É por essa “brincadeira” que ela é usada com sentido humorístico em conselhos ou advertências que são dados. Com a internet, tornou-se muito popular em sites que citam frases famosas, motivacionais, engraçadas, famosas etc.

É justamente essa significação que a locutora pretende recuperar, buscando dar um tom humorístico ao sentido de seu enunciado. Isso é reforçado pelos usos da hashtag e do emoji.

Uma hashtag é usada para que um post obtenha mais engajamento, ou seja, ao se clicar nesse caractere, ele transforma-se em um hiperlink que leva para uma página com outras publicações relacionadas ao mesmo assunto, indexáveis pelos mecanismos de busca. Assim, coloca-se o tópico em uma discussão maior, acessível a mais pessoas do que aquelas que estão interagindo no post em questão. Como a hashtag usada é “#vivaohumor”, vemos que o que se pretende é colocar esse enunciado em um grupo maior em que se celebra o humor. Por isso, o emoji de mão com o punho para cima, que, normalmente, é usado para representar apoio, protesto ou mesmo para intensificar alguma informação. É importante enfatizar que o significado de alguns emojis pode não ser o mesmo para todos os usuários e, por isso, a interpretação tende a ser variada. Mas nesse contexto, considerando a hashtag, pode-se pensar que seu uso no enunciado colabora com que se compreenda a adesão à ideia de que o humor está acima de qualquer coisa, ou seja, de que se pode rir de tudo.

Para a ideia de que o projeto de dizer da enunciadora é fazer rir com o seu comentário, há o reforço do emoji de risada. Em sites de redes sociais, um emoji é muitas vezes usado em comentários para demonstrar o que a pessoa está pensando ou sentindo naquele momento, e um emoji sorridente raramente é usado após uma crítica. Considerando-se que ele vem após a repetição de uma frase cujo

uso tem sido fazer humor, ele parece indicar a concordância com essa ideia, reforçando-a.

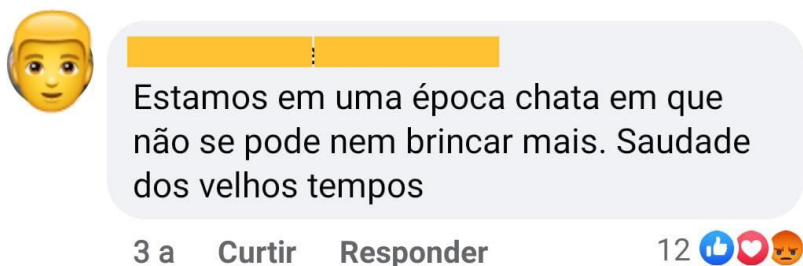
Ao se considerar o uso dos emojis e a hashtag em um enunciado com as palavras “vida” e “vivo”, vemos que elas são consideradas como algo trivial, sem importância, até mesmo engraçadas. Estabelece-se, então, um discurso que dialoga com aqueles que entendem a vida de uma mulher como algo qualquer, banalizando sua morte, uma vez que esta aconteceria de qualquer forma. E nada mais engraçado do que considerar seriamente algo que é, em realidade, o destino de todos. Ou seja, utiliza uma frase já conhecida como um recurso linguístico para compor o sentido de seu enunciado, demonstrando um modo de ver e compreender essa situação valorado a partir dessa escolha, dessa referência, que constitui seu enunciado, pois expressa em uma interação verbal.

Podemos observar, a partir da teoria do Circulo, que esse enunciado é orientado para um determinado público, sendo esse (s) interlocutore(s), conforme coloca Volóchinov (2017). Desse modo, o locutor antecipa que seus parceiros de interlocução, aqueles a que dirige seu dizer, pertencem a grupos diferentes: aqueles que vão concordar com ele, mas também aqueles que defendem a não possibilidade de humor nessa situação, deixando essa marca quando coloca no seu projeto enunciativo “não se pode nem brincar”, como se pretendesse dizer que o estão privando da liberdade de expressão, discurso que dialoga com a premissa de que cada um tem o direito de dizer o que pensa, de expressar a sua opinião.

No caso desse comentário é possível constatar que o projeto de dizer do enunciado concretizado na sua organização com o uso dos recursos expressivos concretiza uma ideologia, um modo de ver, que parece demonstrar o descaso com a vida da mulher que foi assassinada, que não considera o fato de essa pessoa ser uma mulher e mãe do filho do mandante. Considerando as estatísticas sobre feminicídio, que são numerosas aqui no Brasil, e que esse é um tema pungente assolando o país há anos, violência que, inclusive, ocorre com grande frequência, como já exposto nesse trabalho, encontrar uma mulher reproduzindo esse discurso machista, validando e legitimando esses discursos, nos permite observar, portanto, o quanto o tema desse enunciado não é humorístico e torna-se até mesmo inconsequente. Ele permite, a partir dos dados observados e analisados, perceber uma banalização relacionada à vida da mulher. Desse modo, esse diálogo entre enunciados parece conferir credibilidade a um grupo que tende a banalizar o

feminicídio, desconsiderando a ocorrência de um crime grave e deixando de discutir de forma responsável o assunto.

Enunciado 2:



Esse enunciado foi dito por um perfil masculino, responde ao post, teve 12 réplicas, sendo todas de reações do facebook.

Nesse recorte é possível perceber uma resposta, com o posicionamento contrário do locutor em relação a quem tenta expressar sua indignação ao fato de entender que a situação não permite “brincadeira”, ou seja, comentários que pretendem fazer piada com o ocorrido.

Porém, cada locutor, ao enunciar, expressa uma avaliação social no seu discurso, que além de refletir discursos passados da sua jornada de vida, também refrata uma realidade no que diz, construindo um modo de ver as coisas, de modo que, outros indivíduos serão impactados, serão “nutridos” pelo que ele propõe, formando suas consciências, possibilitando e legitimando a propagação desses discursos que defendem que isso possa ser humorístico.

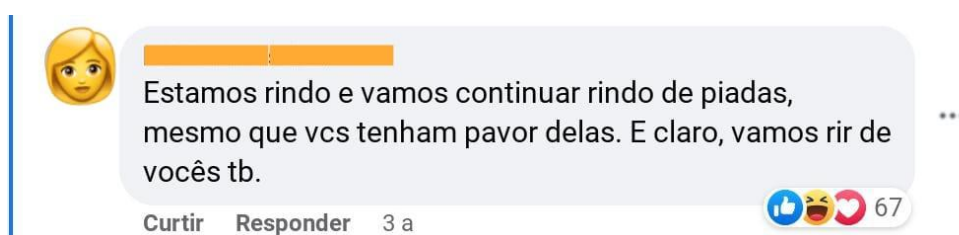
Esse locutor demonstra pertencer a um lugar axiológico de conservadorismo, pois defende que os tempos antigos eram melhores. Por isso mesmo, coloca-se em relação oposta a quem não entende a possibilidade de piada sobre pautas como o feminicídio.

Para isso vale-se de uma oposição entre um tempo passado “velhos tempos” e atualmente, uma “época chata”. No uso da palavra “chata” para qualificar o momento atual, vemos que a valoração dada se liga à cansativo, maçante, tedioso. Desse modo, temos uma relação dialógica que é uma reclamação dirigida a quem não aceita os comentários que se pretendem “engraçados”, mas também às reclamações de grupos minoritários, oprimidos, que não aceitam mais serem alvo de piadas, motivo de riso.

Assim, ao dizer que “não se pode nem brincar mais”, a locutora afirma que o que se faz em muitos dos comentários relacionados ao caso de assassinato é uma piada que seria aceita em outros tempos, menos “chatos” que os atuais. Ao fazer isso, no entanto, ele também expressa que o que se considera como humor não é visto da mesma forma por todos.

Desse modo, colabora com a perpetuação de discursos que naturalizam a violência contra mulher uma vez que admite o uso desse assunto para fazer humor.

Enunciado 3:



Esse enunciado foi dito por um perfil feminino, responde ao post, teve 84 réplicas, sendo 46 reações do facebook e 28 respostas ao comentário.

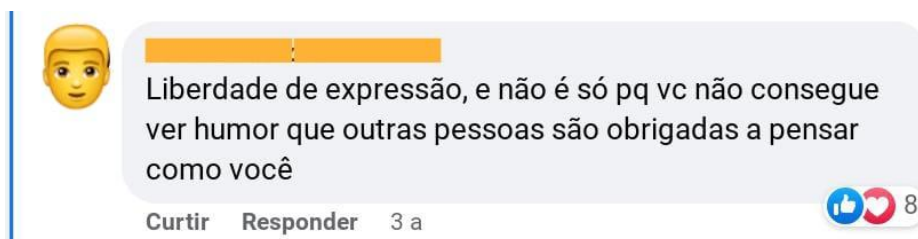
A locutora, que parece pretender confirmar, a exemplo no trecho “estamos rindo e vamos continuar rindo de piadas” que os memes que se referem aos casos da notícia são, sim, humorísticos, que eles já são comuns e que devem continuar sendo. Ela entende que os indivíduos que pensam de outro modo sentem muita raiva dessa tentativa de humor, afirma, além disso, que vai rir de quem pensar o contrário, de quem pensar que o meme não é uma piada. Ou seja, com uma entonação que parece ameaçadora, diz, vamos fazer piada de você também.

A partir dos estudos bakhtinianos, pode-se observar que o enunciado apresenta valores socioideológicos típicos de um discurso que segue uma linha machista. Essa interlocução é marcada pelo tom afirmativo de que os posts que se dizem humorísticos são possíveis e devem ser aceitos, caracterizando essa fala como oposta aquelas que não aceitam que isso seja motivo de piada. O tom valorativo dado pelo locutor, ao defender ser aquilo uma piada, permite que se perceba no discurso, ecos e ressonâncias da naturalidade na possibilidade de riso num caso brutal de assassinato de uma mulher, demonstrando assim que vê o corpo feminino como algo que pode ser motivo de chacota mesmo depois de morto, morto

com requintes de crueldade, ou seja, um comentário responsivo que carrega marcas de um discurso que naturaliza a possibilidade de brincadeira com um feminicídio e que mobiliza esse dizer num tom ameaçador.

Os conteúdos nos sites de rede social recebem mais visibilidade quando recebem mais interação, no caso desse enunciado, houve um número expressivo de reações, o que demonstra a validação de quem interagiu, o que pode contribuir com a proliferação de uma ideologia marcada pelo descaso com a violência de gênero social, proporcionando uma situação que inferioriza e humilha ainda mais a vítima. É importante lembrar que convivemos ainda no nosso país com a permanência de um modelo social patriarcal que submete as mulheres e as “objetificam”, as colocando como seres “naturalmente” inferiores aos homens, que banaliza o feminino, uma proposta que é secular e tão enraizada culturalmente que, muitas vezes se faz sem perceber a atrocidade que é.

Enunciado 4:



Esse enunciado foi dito por um perfil masculino, responde ao post, teve 8 réplicas, sendo todas reações do facebook.

Nele o locutor já inicia seu enunciado defendendo a liberdade de expressão, ou seja, se posiciona numa premissa de que a liberdade de expressão permite que se diga qualquer coisa, sem limites, e, como se a proibição disso fosse considerado censura. Em seguida o locutor coloca que a pessoa que não visualiza humor nas propostas de brincadeira tem dificuldade, que ela é que não consegue ver, como se não tivesse a capacidade de perceber o “bom humor”. Esse homem enfatiza ainda, que, as outras pessoas não devem ser influenciadas por essa falta de humor e que devem, sim, rir das propostas de divertimento.

A interação entre interlocutores, segundo o Circulo de Bakhtin, é permeada por uma constante negociação, entre o já dito e o novo, o locutor parte de algo que já conhece, nesse caso o dizer “liberdade de expressão”, habitualmente utilizado por

muitas pessoas, para banalizar a violência sofrida por uma mulher, cruelmente assassinada, podemos perceber que a marca deixada pela utilização dessa expressão habitual, demonstra um posicionamento, uma crítica a respeito do não poder fazer brincadeiras com feminicídio. Pode-se perceber com isso que esse discurso que se utilizou de uma expressão rotineira pode contribuir, por meio de discursos que irão se interconstituir, para a trivialidade e generalização desse tipo de discurso. Além disso, há uma tentativa de convencer quem lê os comentários de que não ver o teor humorístico é uma falta de capacidade de quem não vê, como se essa pessoa fosse inábil, que tivesse ausência de senso de humor, ou seja, a intenção enunciativa é convencer quem lê os comentários de que é um problema, uma inaptidão não ver o humor na brincadeira proposta.

A aplicação e análise de leis sobre liberdade de expressão na internet ganharam, já há algum tempo, uma enorme relevância no ambiente digital. Como se sabe, muitos se valem (ou abusam) do direito de liberdade de expressão para ameaçar autoridades, instituições ou grupos minoritários, disseminando ódio, desinformação, ou incitando a violência, utilizando como defesa o direito à liberdade de expressão, a fim de não serem responsabilizados ao extrapolarem os limites desse direito. Nesse sentido, fica clara a proposta do locutor para justificar o uso de um caso de feminicídio para se fazer piada. Ele se propõe livre para dizer o que quiser, como se todos os dados sobre o caso fossem irrelevantes, a violência, o sequestro, os requintes de crueldade, o fato de o bebê presenciar vários momentos da violência, dentre tantos outros horrores desse crime. E, desse modo contribui para que essa tentativa de humor naturalize crimes brutais como esse, contra vida de uma mãe.

3.4 Considerações analíticas dos três blocos

A partir da análise dos comentários nesses três blocos, observamos que os diálogos nos enunciados selecionados, embora difiram no estilo, repetem o tópico comparação Neymar-Bruno. Desse modo, além de evidenciar o aspecto dialógico da linguagem, demonstram a compreensão responsiva ativa diante dessa situação interlocutiva. Assim, foi possível contatar que, embora todos os enunciados tivessem como objetivo fazer piada, eles apresentam, na sua materialidade discursiva

diferentes colocações, razão pela qual se entendeu a necessidade de separá-los em três blocos.

A análise do bloco 1 permitiu demonstrarmos como o emprego da expressividade na enunciação, no caso dos comentários recortados, a utilização de expressões conotativas, foram manejados a fim de tentar atingir o seu projeto enunciativo. No entanto, a partir de fatores sociais e históricos, pudemos perceber que, na realidade, o que se promoveu com a tentativa de brincar utilizando sentidos figurados nesses dizeres foi com a banalização da violência contra a mulher.

Já a análise do bloco 2 permitiu percebermos que a utilização do tópico comparativo entre o jogador Neymar e o Goleiro Bruno, teve como objetivo enaltecer a atitude cruel de Bruno Fernandes e minimizar a violência da qual Neymar fora acusado. Em linhas gerais, os locutores, justificando fazer piada, demonstram uma ideologia, uma visão de mundo que idolatra um assassino e atenua um possível caso de violência contra uma mulher. Além disso, há a tentativa de colocar essas mulheres como culpadas da violência sofrida, como se o fato de elas terem um padrão de beleza considerado bonito somado ao fato de se relacionarem com esses jogadores que costumam ostentar seus bens materiais pudessem servir de justificativa para serem violentadas ou até mesmo mortas. Nesse sentido, é um discurso que vai ao encontro de um pensamento machista e misógino, o qual coloca a mulher em um lugar social inferior ao do homem, ou seja, os homens com o poder de decidir como irão castigar mulheres que se envolvem com eles e que lhes causam algum desconforto.

Já na análise do bloco 3, tivemos comentários que responderam em tom humorístico a quem criticou o uso da violência como justificativa para fazer piada. Esse bloco permitiu a verificação do uso da expressão “liberdade de expressão” como alegação para poder opinar sem limites sobre o assunto (fazer piada com violência de gênero). A fim de atingir seus objetivos, os locutores recorreram ao uso de expressões populares, na tentativa de recuperar o tom humorístico pretendido. Vimos, no entanto, discursos que concretizam um modo de ver o mundo que banaliza o feminicídio, que oferece credibilidade a grupos que se apresentam num lugar machista, patriarcal.

Acreditamos ser importante a investigação da naturalização da violência contra mulher a partir de discursos com propostas de humor, pois entendemos que,

para haver mudanças significativas nas relações de opressão construídas através do gênero social, é necessário desnaturalizar as agressões mais despercebidas, pois são estas que passam nocivamente e formam as novas interlocuções que irão constituir os discursos outros e colaborar para a manutenção da violência de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho foi analisar enunciados do site de rede social facebook com a finalidade de entender a partir da abordagem teórica do Círculo de Bakhtin como os indivíduos ao enunciarem seus discursos articulam recursos para fazer humor utilizando um fato cruel como a violência de gênero social de modo a contribuir com a naturalização desta.

Para definir o *corpus*, ponderamos as tentativas de humor publicadas nos enunciados do post, associando-as diretamente com a facilidade em utilizar a violência extrema como mote para “brincadeira”.

A hipótese que tínhamos ao iniciar nossa investigação era de que esses discursos explanam visões de mundo que se mostram em interações na esfera de uma cultura machista, que vê o homem como superior à mulher, levando-os a “brincar” com casos de violência pelas quais ela passa, casos minimizados por esses indivíduos, que não entendem o motivo de não poder fazer piada com isso, visto que insistem em ignorar a complexidade do dizer, que, como vimos, mais do que uma expressão é uma construção que contribui para a continuidade de ataques contra mulher.

No decorrer deste estudo, tínhamos como objetivos específicos, verificar as relações dialógicas que se estabelecem entre a notícia e entre comentários; refletir acerca do estilo dos comentários, verificando como determinadas palavras são usadas para banalizar a violência; identificar os tópicos que relacionam os casos do goleiro e do jogador presentes em enunciados; identificar o tema dos enunciados, procurando demonstrar o quanto comentários que aparentemente são uma piada, fazem, na verdade, apologia e incitação à violência contra mulher; compreender como a desqualificação de enunciados que criticam comentários que pretendem fazer “humor” na relação dos casos pode reforçar a naturalização da violência contra a mulher.

Os enunciados se caracterizavam pela combinação expressiva de componentes verbais e não verbais demonstrando que são articulados de um modo que nos permite desvelar a postura ideológica dos locutores. A escolha dos elementos discursivos utilizados nos enunciados do nosso *corpus* possibilitaram que, através da análise fosse possível identificar dentre outros, a valoração dada ao

corpo feminino por locutores e locutoras, a visão de mundo deles em relação à violência contra a mulher. Utilizando com recorrência o humor para justificar a banalização dessa violência. Trata-se de uma clara tentativa, usando como pretexto fazer humor, de induzir o interlocutor a julgar que, é apenas uma brincadeira, o tema pretendido sempre é fazer rir, no entanto, essa tentativa serve como ensejo para naturalizar a violência de gênero.

A partir da perspectiva bakhtiniana, sabemos que existe na interação uma relação indissolúvel entre as relações sociais, históricas e ideológicas. Conforme o estudo do círculo, por meio das relações dialógicas, os indivíduos interagem socialmente e produzem os sentidos através do discurso. Desse modo, ao produzirem discursos machistas, disfarçados de humorísticos, os locutores estão, na verdade, colaborando para a continuidade da naturalização da violência de gênero social. Uma vez que a mantém enraizada, de modo que a violência é manipulada como uma prática de dominação entre os gêneros sociais, tornando-se garantida na sociedade.

Ao escolhermos como *corpus* de pesquisa esses enunciados, levamos em consideração os estudos do Círculo de Bakhtin, por meio deste estudo, constatamos que, como sugere a teoria bakhtiniana, os comentários realizados no post e as interações desencadeadas possuem um papel importante na formação da consciência dos interlocutores, uma vez que, enunciados reverberam projeções ideológicas da situação de interação constituída pela esfera de atividade humana em que são produzidas e recebidas, regularizando-as e estabilizando-as, assim, a importância de compreender esses dizeres quanto ao que realizam, não somente no que pretendem. Combater a violência contra mulher é uma medida necessária de prevenção à vida e à dignidade dela.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA Pereira, R., & BRAIT, B. (2020). A valoração em webnotícias direcionadas às mulheres. **Revista Da Anpoll**, 51(2), 89–107. <https://doi.org/10.18309/anp.v51i2.1394>
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Bezerra, Paulo. Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, p. 203
- BRAIT, B. *Análise e Teoria do Discurso*. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2016. p. 9-33.
- BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. **Gragoatá**, Niterói-RJ, n. 20, p. 47–62, 2006b. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/artic/e/view/33238>. Acesso em: 30 mai. 2022.
- BRASIL. Lei 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm acesso em 20/10/2022.
- CLARK, K.; HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FARIAS, Victor. Número de feminicídios cai 1,7% em 2021, mas outras violências contra mulheres crescem, mostra Anuário. G1 São Paulo 28/06/2022. Disponível em : <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/06/28/numero-de-feminicidios-cai-17percent-em-2021-mas-outras-violencias-contramulheres-crescem-mostra-anuario.ghtml>
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FARACO, C. A. **linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. **A ideologia no/do Círculo de Bakhtin**. IN: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa(orgs.). Círculo de Bakhtin: pensamento interacional. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p.167-182.

LEITÃO, Leslie. **Indefensável** / Leslie Leitão, Paula Sarapu, Paulo Carvalho. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2014.

LEMONS, Nina. Caso Neymar gera onda criminosa na internet de glorificação a goleiro Bruno. Universa. São Paulo, 07/06/2019. Disponível em: http://ninalemos.blogosfera.uol.com.br/2019/06/07/caso-neymar-gera-onda-criminosa-na-internet-de-glorificacao-a-goleiro-bruno/?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=uol&utm_content=geral acesso em 02 set. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. ISBN 8575261169 | Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade.

TORRALBA, Karla. Um ano após "caso Neymar", Najila Trindade é absolvida de fraude processual. **UOL**. São Paulo 19/11/2020 . Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/11/19/um-ano-apos-caso-neymar-najila-trindade-e-absolvida-de-fraude-processual.htm> acesso em 03 set 2022

PEREIRA, R. A., & RODRIGUES, R. H. (2010). **Os Gêneros Do Discurso Sob Perspectiva Da Análise Dialógica De Discurso Do Círculo De Bakhtin**. *Letras*, (40), 147–162. <https://doi.org/10.5902/2176148512149>

PEREIRA, Rodrigo Acosta; BRAIT, Beth. **Revisitando o estudo/estatuto dialógico da palavra-enunciado**. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 20, n. 1, p. 125-141, jan./abr. 2020.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004

SAFFIOTI, Heleieth; ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência de gênero – Poder e Impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995

SAFFIOTI, H.I.B. **Rearticulando gênero e classe social**. In: COSTA, A.O. ; BRUSCHINI, C. (Orgs.) Uma Questão de gênero. São Paulo ; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. **Domínios de Linguagem**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 1076–1094, 2016.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina **A Concepção Dialógica e os dois planos da linguagem e da constituição do sujeito: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES** Nonada: Letras em Revista, vol. 1, núm. 24, enero-junio, 2015, pp. 204-223

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. O sentido como um vir a ser: apontamentos bakhtinianos sobre linguagem e realidade. **Revista da ABRALIN**, v. 18, n. 1, 27 ago. 2019.

SOBRAL, Adail. **Ver o texto com os olhos do gênero**: uma proposta de Análise / To see the world with the eyes of genre: towards a bakhtinian genre analysis BAKHTINIANA, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 85-103, 1o sem. 2009

UOL. Empresa de mídia/notícias. "Memes e piadas pela internet a fora dizem que Neymar é Nutella, Bruno raiz. Alguns dizem que Neymar devia ter agido como o goleiro Bruno. Ou seja, estão incitando o assassinato de mulheres, assim, livremente. E tem até mulher rindo dessa piada" (via Nina Lemos). São Paulo. 17 de jun. 2019. Facebook: @UOL · Empresa de mídia/notícias. Disponível em: <https://www.facebook.com/UOL/posts/10156148524848239> Acesso em: 03 de set 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Grillo, Sheila; Américo, Ekaterina Vólkova. . Ensaio introdutório de Grillo, Sheila. . São Paulo: Editora 34, 2017, 373p.